REVISTA DA SEMANA

N. 40 2-10-54 Cr$ 5,00 em todo o B





A INDÚSTRIA DOS DIPLOMAS FALSOS



– Tem razão...
estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88/287

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 40 RIO DE JANEIRO 2-10-54

REPORTAGENS

REPORTAGENS
Grande Otelo segundo tempo 4/7
Os bondes vão rolar 8/9
Os vizinhos de Café Filho 12/15
Homero Homem candidato a pé 20/21
Atlee e Bevan tomaram chá com Mao-Tse-Tung 22/24
Quadrilha forma doutores 44/47
Marlon Brando contra os Anastasia .. 48/49

SEÇÕES
Puxe pelo cérebro 10
Música 11
Por êsse mundo de Deus 16/17
Flash Paulista 18
Página Dezenove 19
Show 25
Plantão Noturno 26/27
Femininas 32/35
Literatura 36
Cinema 41
Palavras Cruzadas 42
Flash Carioca 47
Champanhota 51
Política 56/57
Último Flash 58

ROMANCE
Maria 30/31

HUMORISMO
O riso dos outros 28/29
Cuco 59

Capa:
OLGA BOLENSKA
(Foto Paulo Muniz)

Redator-chefe .... Joel Silveira
Paginação .... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor .... Gratuliano Brito
Desenho .... Alberto Lima
Assistente de Publicidade .... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores .. S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Têm agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Êste número tem 60 páginas.





PÁG. 4 GRANDE OTELO: Experiência versus super-brôto.

PÁG. 12 CAFÉ FILHO: O Presidente mora em Copacabana.

Os vizinhos de Café Filho orgulhosos com o locatário do terceiro andar

● **Prezado Leitor:**

Como tôda imprensa livre do país, a sua REVISTA espera que o inquérito policial-militar que procura apurar os mandantes do atentado da rua Toneleros, não termine, melancòlicamente, como outros tantos semelhantes, devidamente arquivados. Se isso viesse a acontecer, a opinião pública estaria sendo afrontada como nunca o foi em tôda a história republicana. — A redação.





PÁG. 44 DIPLOMAS FALSOS: Título de bacharel pelo crediário.

PÁG. 54 JOGOS DA PRIMAVERA: Ninguém é feio dos 10 aos 16

GRANDE OTELO, SEGUNDO TEMPO

O segundo casamento do grande ator marcou um acontecimento social na vida artística do país — Êle com 39 anos e ela com 21 — "Happy-end" de uma existência atribulada — Sugestão oportuna: a vida de Grande Otelo deve ser filmada.

Texto de LUIS SODRÉ

Fotos de ALBERTO FERREIRA



ÊSSES dois últimos meses, marcados pela tragédia, receberam no dia 20 de setembro um toque de alegria: o casamento de Grande Otelo. Os mesmos fotógrafos que, dias antes, explodiam seus flashes no entêrro do major Vaz, diante do caixão de Getúlio, das fôrças armadas em pé de guerra na Cinelândia, do desastre do avião da Cruzeiro e do desabamento do prédio em Santa Teresa, postavam-se à porta da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, à Rua Benjamin Constant, na Glória, à espera da figura popular do «colored» mais aplaudido do Brasil. Para muita gente e, especialmente crianças, Grande Otelo é um ídolo. E a multidão que se aglomerou na rua, foi bem uma demonstração da simpatia e da popularidade absoluta de que o prestigiado artista sempre gozou entre nós.

O ENLACE

Quando o carro de Grande Otelo chegou, houve uma manifestação espontânea de alegria. Os flashes explodiram com entusiasmo para registrar um acontecimento alegre, para fixar a euforia do grande ator que se estendia e se derramava em todos os corações. Todos pareciam fazer sua a alegria de Otelo, que, com quase 39 anos, viúvo, casava-se pela segunda vez. Depois veio a noiva, passando, um pouco

1500 pessoas foram felicitar Otelo nesta segunda fase de sua vida.







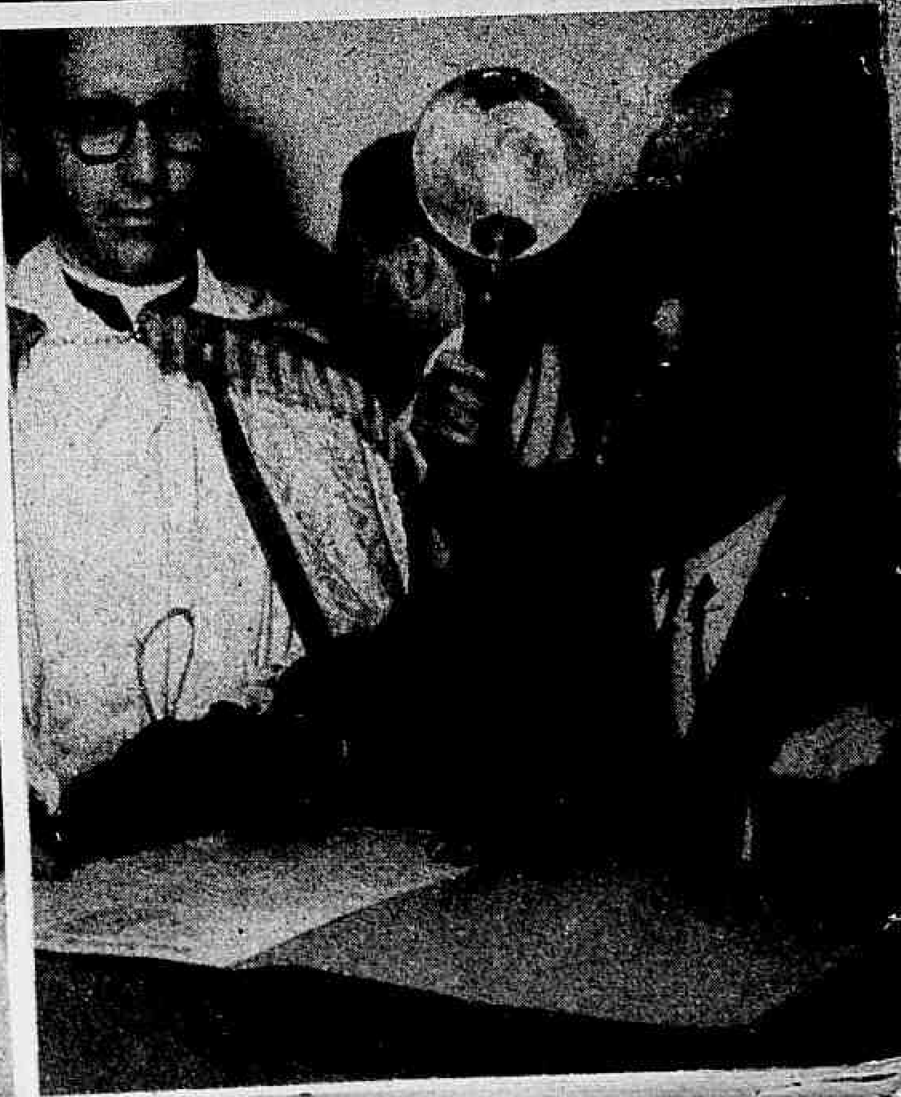


O BEIJO DA NOIVA foi dado diante da enorme multidão. E da objetiva sempre alerta do nosso fotógrafo.

"Agora sou homem sério, chefe de família" — declarou após a cerimônia.











Sebastião Bernardo de Souza e Olga Vasconcelos de Souza entram na igreja para unir seus destinos. Não é mais o ator Grande Otelo que está em cena, mas o homem Sebastião que vive o momento mais emocionante de tôda sua vida. Agora são simplesmente marido e mulher.





Maria Rúbia, a madrinha, foi a primeira a felicitar Grande Otelo. Êle sorria feliz. Depois, na presença de tôda a multidão que queria cumprimentá-lo, êle recebe um sincero abraço de felicitações de Déo Maia, sua antiga companheira de trabalho. E chora, completamente emocionado.

O passado



Em 1948, Otelo casou-se com Gilda. O suicídio de sua primeira espôsa, levando consigo o seu querido filho (Chuvisco), veio marcar com uma pincelada trágica sua atribulada existência. Otelo sofreu muito, mergulhou na confusão de pensamentos do seu drama íntimo, perdeu-se de si mesmo.

GRANDE OTELO

tímida, diante da curiosidade de todos os olhares: srta. Olga Vasconcelos de Souza, moreninha e bonita, com 21 anos, filha adotiva do jornalista José Gomes Talarico e senhora. A multidão comprimia-se na pequena igreja, enquanto o jovem casal, ajoelhado, recebia do sacerdote a bênção matrimonial. Foram padrinhos do noivo, Mara Rúbia e Herivelto Martins, e da noiva, José Gomes Talarico e senhora, d. Alzira Santos Talarico. Com muita dificuldade, tomaram o carro e se dirigiram à residência do jornalista, na Av. Rui Barbosa, e depois para a residência de Otelo, à rua Otávio Correa, na Urca, onde receberam os amigos. Presentes à cerimônia, assinalamos a presença de Black-Out, Déo Maia, Russo do Pandeiro, Vadico, Sônia Correa, e muitos outros de rádio, cinema e teatro.

RETROSPECTO

A vida de Grande Otelo daria um filme. Desde o seu nascimento, em Uberlândia, Minas Gerais, a 18 de outubro de 1915, com o nome de Sebastião Bernardes de Souza Prata. O menino travêsso e inteligente que, desde cedo, demonstraria o seu talento nato de grande artista, seus estudos no Liceu Coração de Jesus e suas participações nos «shows» do colégio, até o encontro com Jardel Jercolis, então empresário da Companhia Trololó, que marcaria o início de sua carreira artística, numa turnê pelo Uruguai, Argentina e Europa. Sua estréia no Rio, na revista «Goal» não seria definitiva senão quando contracenasse com Déo Maia para cantar «No Taboleiro da Baiana», de Ari Barroso. Foi aí que o pequeno Otelo (como era chamado) passou a ser o Grande Otelo, por sugestão de Jercolis. Antes disso, Otelo entraria para um Abrigo de Menores e seria retirado pela boa d. Abigail Parecis, sua primeira protetora. Em 1935 fêz seu primeiro filme, numa pontinha, em 36 «João Ninguém» e pouco depois de 43 o filme que viria consagrá-lo: «Moleque Tião». Depois veio o áureo tempo da Urca onde Otelo brilhava dentro da noite. Orson Welles teria afirmado, por ocasião de sua estada no Rio, que o negrinho era o maior ator brasileiro e dos maiores que já tinha conhecido. Teria mesmo feito um convite para êle ir trabalhar em Hollywood, o que não foi possível devido ao seu contrato com Luís Severiano Ribeiro. Coração bom, Otelo foi ficando por aqui, ganhando muito menos do que o seu talento poderia render. E foi descobrindo gente como «Black-Out», Elizete Cardoso, Mara Abrantes. Ao mesmo tempo que escorava cartazes como Linda Batista e a própria Carmen Miranda em seus «shows». Os cassinos fecharam; restou o cinema e o teatro. Desgostoso, Otelo bebia. Veio um casamento, em 48, pouco depois, um filho que êle adorava: Chuvisco. O drama interior de Otelo só atingia a êle mesmo. Chegava tarde em casa e sua espôsa, Gilda, reclamava carinho. Até que um dia a notícia enlutou todos os seus amigos: sua espôsa matou-se e levou consigo o seu filho. Otelo viveu então o momento mais dramático de sua vida. Seu drama interior cresceu de tal forma que êle se perdia na confusão de pensamentos e não conseguia encontrar-se a si mesmo. Achava que o álcool era a melhor solução. E se embriagou repetidas noites. Parecia o fim. Mas a recuperação foi processada lentamente, Otelo foi-se reintegrando no trabalho e na vida. Seu prestígio não fôra abalado e seus sucessos foram seguindo carreira. No cinema, no teatro, em todo lugar, recebia aplausos e chorava emocionado. E um dia encontrou Olga. Enamorou-se, recebeu aquêle olhar meigo e jovem com uma promessa de um futuro feliz. Deixou de beber e encontrou-se a si próprio novamente. Veio o casamento. Otelo inicia nova vida.



O presente: Otelo reencontra-se nos meigos olhos de Olga.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDEREÇO ....
CIDADE .... **ESTADO** ....

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Que Estado do Brasil adotou em sua bandeira a legenda «libertas quae sera tamen»:
— São Paulo?
— Minas Gerais?
— Pernambuco?

2—Qual o monarca português conhecido como «O esperado»:
— Don João?
— Don Manuel?
— Don Sebastião?

3—De que foi salvo, segunda a lenda, o poema «Os Lusíadas»:
— De um naufrágio?
— De um incêndio?
— De um roubo?

4—Qual foi o poeta brasileiro que muito incentivou o serviço militar:
— Fagundes Varela?
— Castro Alves?
— Olavo Bilac?

5—Que político escreveu «Civilizar-se é cristianizar-se»:
— Quintino Bocaiuva?
— Lopes Trovão?
— José do Patrocínio?

6—Quem escreveu as «Memórias do Escrivão Isaías Caminha»:
— Machado de Assis?
— Lima Barreto?
— Graciliano Ramos?

7—Quantos cientistas afirmam que Marte é habitado:
— Um?
— Vários?
— Nenhum?

8—Em que Estado tombou o aerolito denominado «bendengó»:
— Minas?
— São Paulo?
— Bahia?

9—Para que ilha o govêrno francês exilou o poeta Victor Hugo:
— Santa Helena?
— Guernesey?
— St. Maurice?

10—Qual dêstes políticos foi assassinado:
— Marechal Hermes?
— Pinheiro Machado?
— Wenceslau Braz?

11—Como se chamava a mulher que assassinou Marat:
— Charlote Corday?
— Luiza La Valiére?
— Madame de Montespan?

12—Qual é o personagem da mitologia alemã que corresponde ao deus do fogo:
— Fafner?
— Wotan?
— Brunhilde?

13—Que herói conduziu os Argonautas em busca do velocino de ouro:
— Ulisses?
— Telêmaco?
— Jasão?

14—Qual foi o padre que pregou famosos sermões escarmentando o Maranhão:
— Bernardes?
— Vieira?
— Mont'Alverne?

15—Qual foi o filósofo grego condenado a beber cicuta:
— Platão?
— Sócrates?
— Plotino:

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Minas Gerais; 2 — Don Sebastião; 3 — De um naufrágio; 4 — Olavo Bilac; 5 — Quintino Bocaiuva; 6 — Lima Barreto; 7 — Nenhum; 8 — Bahia; 9 — Guernesey; 10 — Pinheiro Machado; 11 — Charlote Corday; 12 — Wotan; 13 — Jasão; 14 — Vieira; 15 — Sócrates.

CHRISTIAN FERRÁS

BRUTUS PEDREIRA

● Não pude assistir ao primeiro concêrto de Christian Ferrás, no Municipal, e lamentei, deveras, não o ter ouvido, pois informaram-me que tanto o violinista, quanto seu acompanhador Barbizet eram ótimos. Compareci, porém, ao segundo recital, apresentado, como o primeiro, pela Associação Brasileira de Concertos. Desta vez, entretanto, local e acompanhador mudaram: auditório da A. B. I. e Fritz Jank, por ter Barbizet partido para a Europa. A agradabilíssima sala da A. B. I. foi pequena para conter os assistentes que, pelo entusiasmo prévio de muitos, via-se já conhecerem o recitalista, do Municipal. Dados os sinais de aviso e acomodado o público nas confortáveis poltronas vermelhas do feudo do sr. Herbert Moses, abriu-se o canto da cortina, ao fundo do palco, e entrou em cena um «brôto» que, depois, pelo programa, soube ter vinte e um anos, mas que poderia, muito bem, dar-se dezessete, sem que ninguém lhos negasse. Baixinho, miúdo, bonitinho, de passinhos curtos, Christian Ferrás veio à ribalta, recebido por nutrida salva de palmas. E, ao vê-lo, não pude impedir-me de perguntar a mim mesmo, que viria fazer ali, de violino em punho, aquêle rapazinho cujo tipo, com muito mais propriedade que num palco de concêrto, o situava na praia de Copacabana, despido num daqueles calções quase hipotéticos que seus pares lançaram, torrando ao sol, até três da tarde, hora de voltar a casa, passar pelo chuveiro, engolir dois ou três bocados, enfiar uma calça e uma camisa de manga curta e sair chispado, para ir ao cinema, namorar na sessão das quatro. Êsse o meio ao qual Christian Ferrás, fisicamente, parece pertencer: legítimo representante da coca-colice copacabanense. E, no entanto, ó manes do Conselheiro Acácio! — como as aparências enganam! Frita Jank o início do «Trilo do Diabo», de Tartini-Kreisler. O rapazinho pôs o violino debaixo do queixo e, com êsse simples gesto, mostrou a razão de ser um pouco carregado de costas: não deve de ter feito outra coisa, em sua curta vida, senão segurar



Christian Ferrás

o violino entre queixo e ombro. Começou, então, a «inguinorança», rótulo que minha empregada põe em tudo aquilo a que não encontra explicação plausível. As dificuldades técnicas da sonata de Tartini desapareceram, sob os dedos do rapaz, e as opulentas melodias foram cantadas com bela, pastosa sonoridade e absoluta segurança. Veio, depois, a «Sonata a Kreutzer», de Beethoven. Aí, outros quinhentos mil réis entraram em jôgo. Os dois primeiros tempos desta sonata foram compostos em 1804. O terceiro data de dois anos antes. Nessa já estava na segunda metade da sua vida, quando o autor tinha trinta e quatro anos e época, Beethoven não tinha mais ilusões, quanto às possibilidades de cura de sua surdez. Vivia imerso numa densa amargura, agravada pelo desfecho de sua paixão por Giulietta Guicchiardi. O «Testamento de Heiligenstadt» já estava escrito. Era natural que êsse estado de ânimo se refletisse na obra e lhe desse o tom, ora abismal, ora tumultuoso que carateriza a «Sonata a Kreutzer» e era o da própria vida do autor. Em sua interpretação, porém, Christian Ferrás pôs-lhe demasiado sol. Substituiu o tumulto pelo calor, a amargura, pela melancolia, aliás de muito boa qualidade. Não é debalde que os intérpretes têm vinte e um anos. Deu-nos um Beethoven, exatamente, da sua mesma idade. E sem tropeços na vida, é claro. Tal interpretação, censurável num Heifetz, num Sigeti, num Kreisler, mesmo num Menuhin, é admissível e desculpável em Christian Ferrás. Por que pretender que, em plena primavera, ressinta as tristezas e as agruras do outono? Deu-nos, depois, «A Lenda do Caboclo», de Vila-Lôbos, «La Havanaise», de Saint-Saens e para terminar, o «Concêrto nº 1», de Paganini. Aí, o menino esbaldou-se. Em matéria de virtuosismo, foi um «desperdiço», como se diz na minha terra. Escalas, arpejos, trinados, harmônicos simples e duplos, notas dobradas e em contraponto, as diversas modalidades de emprêgo do arco, todos os malabarismos violinísticos, os quebra-cabeças técnicos em que Paganini é tão fértil e hábil foram, para o jovem concertista, brincadeiras de criança. Onde arranjou tempo, em apenas vinte e um anos de vida, para adquirir tamanha perícia? Mesmo diante de suas excepcionais aptidões e pressupondo estudo extraordinàriamente bem guiado, é de causar pasmo a habilidade com que venceu as mais difíceis passagens das obras de seu programa. Como fenômeno musical, Christian Ferrás nada perde, comparado a Gulda, que tem três anos mais que êle. Ao contrário: o francesinho pareceu-me bem mais sensível que o austríaco, haja vista a qualidade de seu fraseado. Se nesta altura já nos dá tais provas de capacidade, que nos fará, quando o tempo e a vida o amadurecerem?

DIVERSAS

● Sérgio Cardoso inaugurará sua temporada dêste ano, no Leopoldo Fróis, de São Paulo, com «Lampião», de Raquel de Queiroz. Êle próprio dirigirá a peça e desempenhará o papel do protagonista. Colaboração não lhe tem faltado, para o êxito de seu empreendimento: a Comissão do IV Centenário forneceu-lhe o pano de bôca, pintado por Aldemir; a Vera Cruz cedeu as roupas de «O Cangaceiro»; a Fôrça Pública emprestou velhos armamentos; a Secretaria de Segurança entrou com tôda a munição e Lima Barreto pôs à disposição do diretor-intérprete o material musical folclórico, que recolheu no Nordeste.

● Elisabeth Henreid reingressará no elenco do Teatro Brasileiro de Comédia, para a temporada atual, no Rio de Janeiro. Os cariocas terão, assim, oportunidade de conhecer uma das mais interessantes e talentosas atrizes do nosso Teatro.

● Continua o êxito de «Negócios de Estado», de Verneuil, no Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, com Tônia Carrero, Margarida Rey, Zimbinski, como diretor e ator, Jardel Filho e Josef Guerreiro. Em ensaios, «Cândida», de Bernard Shaw.

● Consta-nos que Bibi Ferreira organiza uma companhia para excursionar no Norte. O elenco será composto de atores daqui e de São Paulo. Desde já auguramos à simpática e talentosa atriz-diretora o êxito que não deixará de obter.

●



JARDEL FILHO, que continua sobressaindo, nas produções do Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo, desde «Leito Nupcial», de Jan van Hertzog, com Cacilda Becker, até o atual cartaz. Nova e esplêndida oportunidade lhe foi oferecida, agora, em «Cândida», de Bernard Shaw.

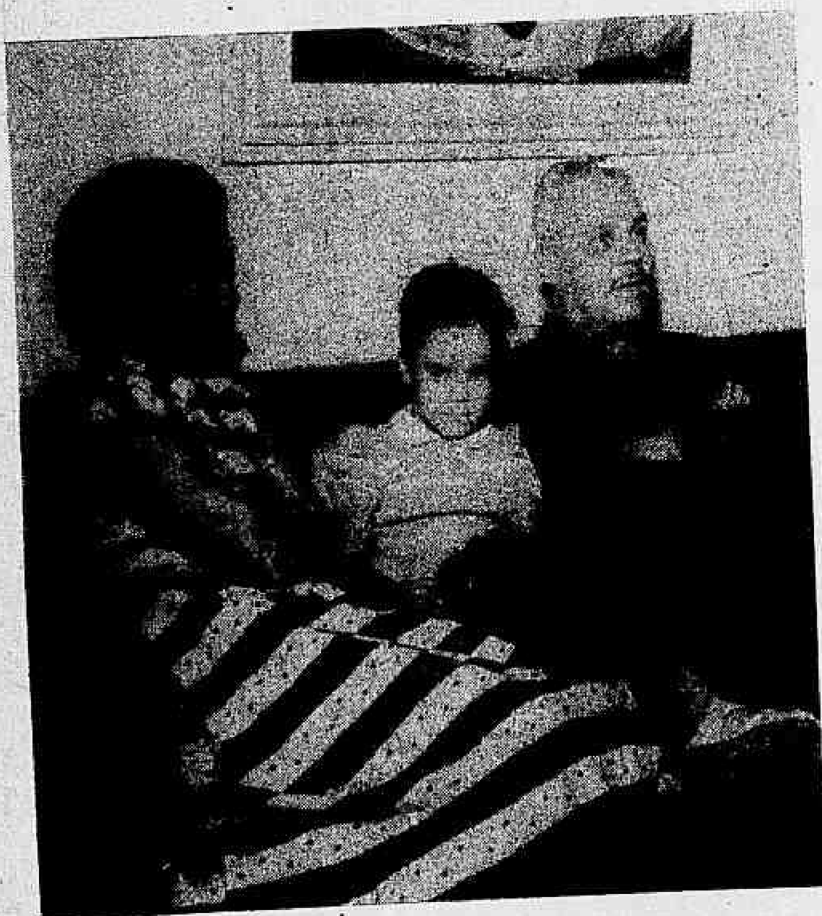
OS VIZINHOS

SRA. LAURO MEDEIROS E FILHA



● O general Lauro Medeiros (apartamento 802) foi o único condômino do sr. Café Filho, nomeado, depois de 24 de agôsto para um cargo público. E' o novo presidente da Comissão Técnica de Rádio (de que fôra membro anteriormente). O convite para o pôsto ao que parece da própria sugestão do Presidente da República) foi-lhe dirigido pelo general Juarez Távora. Há contudo uma opinião generalizada nesse particular: o general Lauro Medeiros é uma das maiores autoridades no assunto. Como vizinho participa da opinião geral dos confinantes do Presidente da República. Seus atos e sua conduta o indicam como homem honesto e simples. Sua espôsa, d. Edina (na foto), que troca visitas com a espôsa do Presidente Café (D. Jandira) ressalta também os hábitos simples de uma família pacata, e afirma que as relações de amizade que mantém com tôda a família não sofreram alterações. No dia 11 festejava-se o aniversário (ocorrido dia 9) de Eduardo Antônio, filho do Presidente. Um grupo numeroso e barulhento de crianças subia as escadas para felicitar o menino. A filha do general, adoentada, teve de permanecer melancòlicamente em casa. Talvez melancolia explicável por uma revelação que fêz a contragôsto. Maria Aimée, ex-namorada de Eduardo Antônio, aprestava-se para a festa. E ela queria estar presente. Embora uma das redatoras do jornal «As Garôtas» que circulava no edifício, uma réplica do folheto «O Baluarte» órgão masculino e de viris consultas e entrevistas cuja secretaria estava a cargo de Eduardo Antônio — embora as pequenas disputas jornalísticas em que se empreendera — com o jovem vizinho, queria estar presente a seu aniversário..

ACIOLY NETO, SRA. E FILHA



● Conta Acioly Neto (morador no apartamento 701) um episódio. Entrou certo dia no apartamento de Café Filho e o encontrou provando uma casaca. Verificou, pouco depois, que não se tratava de um ajuste elegante da indumentária. Café Filho ensaiava a colocação das comendas e da faixa de vice-Presidente na recepção a que teria de comparecer no Chile, presente o Presidente da República local. A cada meticulosa colocação de uma comenda anotava, orientado por um funcionário habituado no mister dos cerimoniais, explicando mais tarde: E' o diabo... tenho que não esquecer quando devo usar a faixa. Dessa visita ao Chile Café trouxe documentos, livros e observações anotadas do problema do Petróleo e sua bibliografia e interêsse pelo assunto são enormes. Accioly Netto acentua um particular: a mentalidade dêsse homem não se modificou e, acredita, não se modificará nas circunstâncias do mais alto cargo que vem ocupando. Sua personalidade não sofreu abalos, e Café Filho é o mesmo homem simples que sempre conheceu. Quando estreou sua peça no teatro Copacabana, há alguns anos, Café reclamou-lhe a entrada, foi servido e gostou. Recentemente teve ocasião de recompensar-se, no único benefício que recebeu do vizinho Presidente. Autorização para que a revista (O Cruzeiro) de que é diretor pudesse fotografar o quarto do ex-Presidente Getúlio Vargas. Sua espôsa conta outro episódio que é uma autêntica socialização do automóvel presidencial. Todos os dias a garotada da vizinhança invade o carro que levará Eduardo para o colégio e os passageiros-mirins não são necessàriamente os vizinhos do Presidente. São muitas vêzes crianças pobres que estudam no mesmo colégio (Malet Soares) e usufruem de um benefício que não é um privilégio.

CORONEL SANTA ROSA



● O que caracteriza o sr. Café Filho como habitante dêste prédio é a simplicidade e a lhaneza do trato. Se antes todos nos sentíamos distinguidos com a afabilidade de um morador; hoje nos sentimos honrados com essa gentileza, porque verificamos que êle a mantém sem os exageros de uma atitude prèviamente estudada.

A falta dágua que é um ponto triste da comunidade do edifício 1386 vem infallvelmente à conversa de todos. O coronel Santa Rosa (apartamento 502) conta, então o episódio da «bomba» que viria solucionar provisória e parcialmente o problema da higiene e da sêde dos moradores, e a sua retirada por um pedido que fêz o então vice-Presidente da República. Recorda-se de que estava, há poucos dias, no Palácio do Catete, em visita de cortezia ao Presidente da República quando uma senhorita, conseguida uma entrevista, entrou no gabinete:

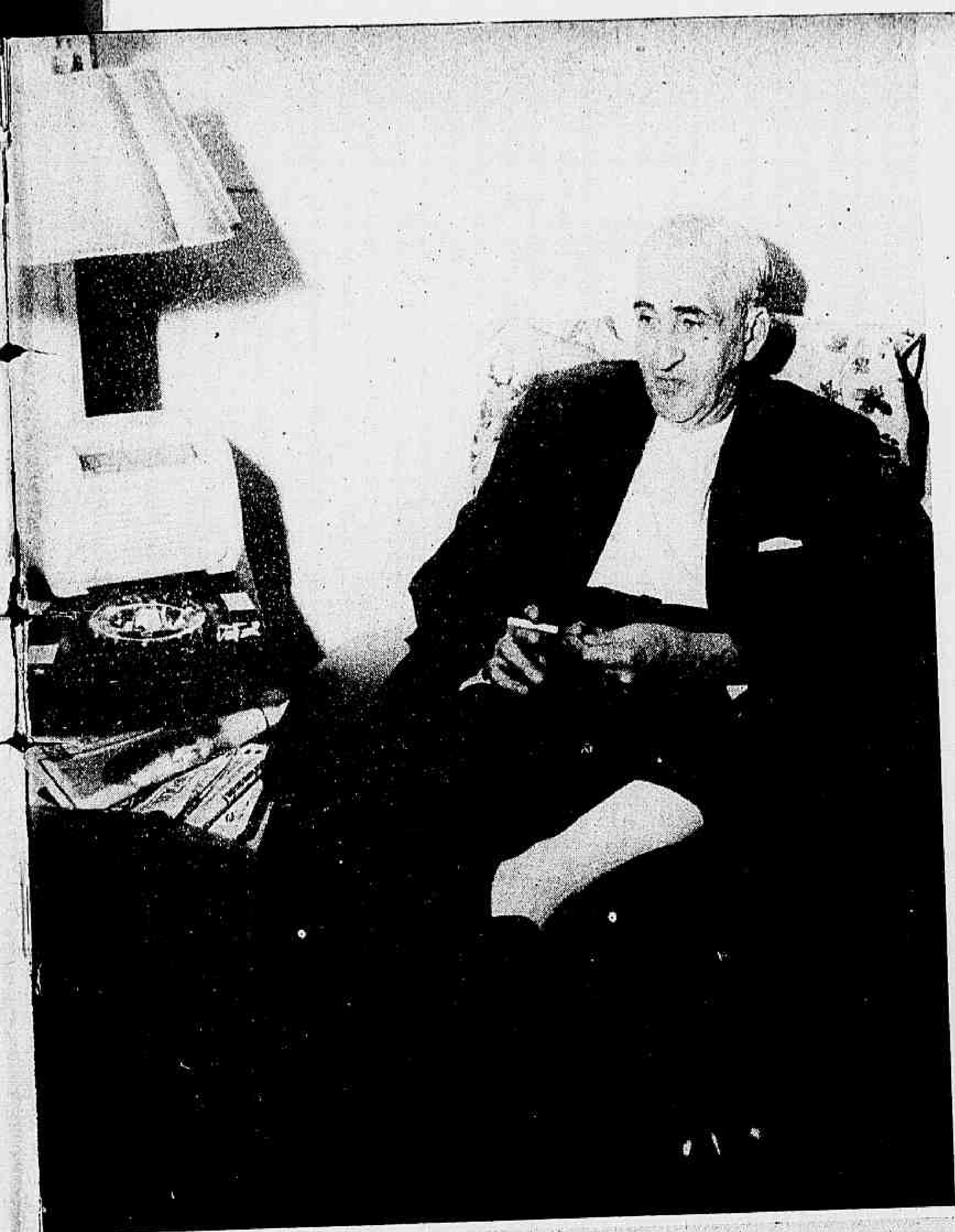
— Presidente (disse-lhe) o sr não está se lembrando de mim. Mas eu sou aquela moça que há alguns meses disse que o senhor seria o Presidente da República.

— Ah, muito bem — fêz Café.

— Pois é, nesse dia o senhor propôs que se fôsse realmente Presidente da República eu seria a sua secretária. Estou aqui, hoje, para cobrar a promessa!

— Bem senhorita, eu quando fui vice-Presidente esqueci todos os compromissos de deputado, agora como Presidente também esqueci todos os compromissos de vice-Presidente da República.

O coronel acentua que essa retidão nos cargos que ocupa tem marcado, a seu ver, a vida pública de seu vizinho.



ALBERTO PEREIRA PINTO DE ANDRADE

● O sr. Alberto Pereira Pinto de Andrade (corretor de café, residente no edifício há 12 anos) conhece seu vizinho há, aproximadamente, 10 anos. Reside com a espôsa e o filho (médico) no apartamento 301.

Ainda não se avistou com Café Filho desde que êste assumiu a Presidência da República. Espera poder fazê-lo para o cumprimentar. No dia 24 de agôsto estêve em sua casa, e, embora não lhe conseguindo falar, deixou seus cumprimentos com a família. Ratifica a opinião dos demais vizinhos sôbre o morador do apartamento 202. Já o tem encontrado em teatros recentemente (há alguns meses) com êle se avistou no Teatro Follies. Não quer procurá-lo, porque teme que o interpretem mal. Seria seu gesto possìvelmente julgado como o de um aproveitador das circunstâncias, e, por isso, espera que o acaso o defronte com o novo Presidente, seu vizinho, para, então, realizar seu desejo desde que acredita que foi uma felicidade o país encontrar uma solução para seus problemas políticos na pessoa de homem tão simples e tão digno. Tem a contar nas suas relações com o vizinho um pequeno obséquio. Pediu para seu filho, uma simples apresentação a um amigo do presidente que seu filho precisava procurar. Sua espôsa mantém relações de amizade com a família do sr. Café Filho. Não conhece qualquer queixa contra os inquilinos do apartamento 202, nunca ouviu balbúrdia no apartamento da família Café e não se recorda de qualquer recepção luxuosa ou mesmo festa que na casa se houvesse realizado.

Perguntado sôbre se havia pensado em qualquer solução (por exemplo para o problema do café, no Brasil) que o novo govêrno devesse tomar disse que não se atreveria a tanto. Instado a responder apenas afirmou que não sòmente êste mas qualquer outro govêrno deveria pensar na fundação de um Fundo Cafeeiro como defesa e incentivo de nossa principal economia, segundo um plano do sr. **Malvino Martins Filho.**

Não pretende pedir qualquer obséquio a seu antigo vizinho porque não os precisa e acredita um abuso ou um imediatismo aproveitando-se de simples circunstância, julgando mesmo que nenhum outro morador do edifício, vizinho do Presidente, fará semelhante coisa.



R. G. D'AMORIM SUTHERLAND

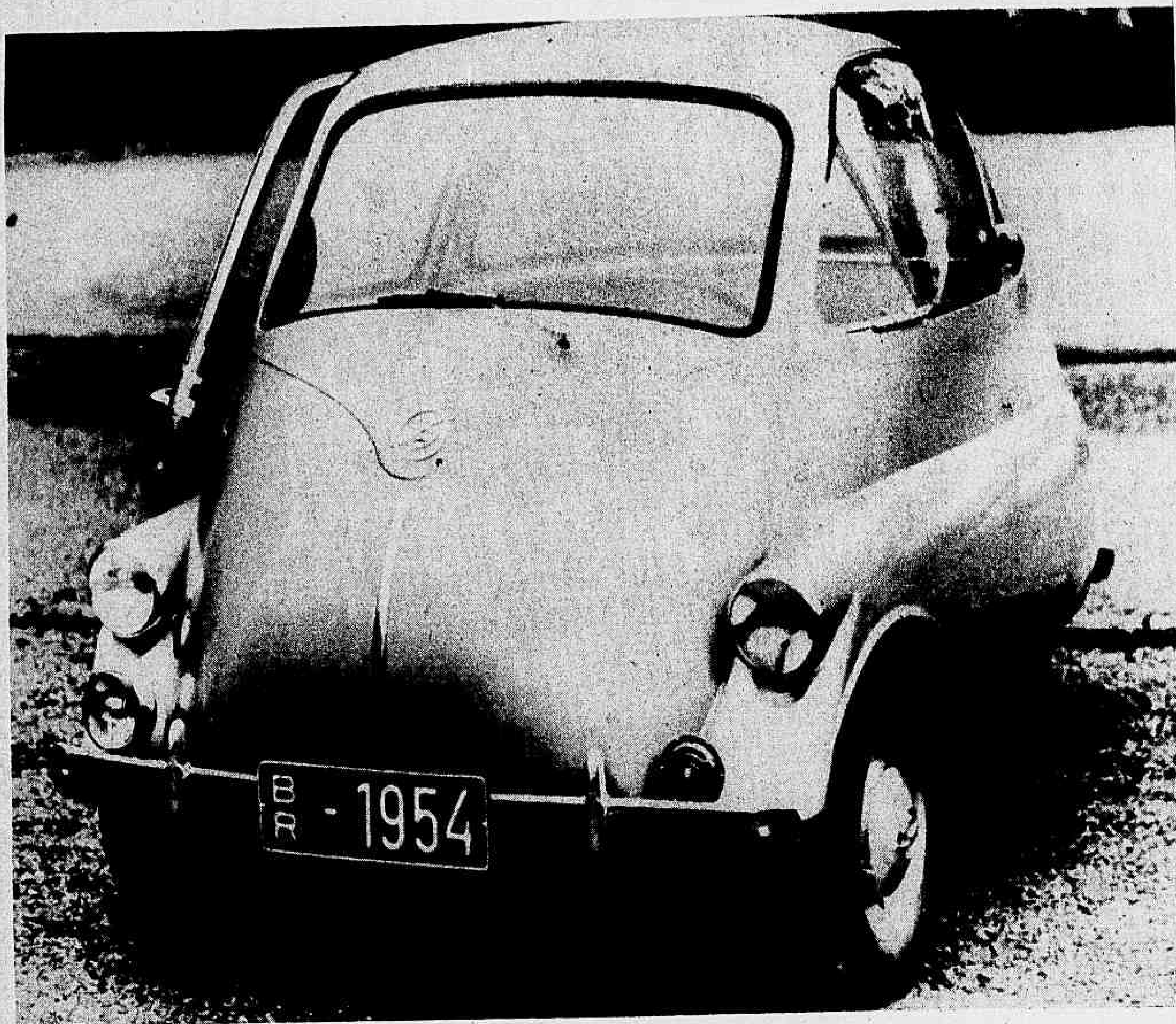
● R.G. D'Amorim Sutherland, presidente da Grant Advertising reside com a espôsa (Sheilà, sul-africana de descendência inglêsa) e dois filhos: Anthony (9 anos, nascido na África do Sul e estudando, interno, em Petrópolis) e Buster (ano e meio) no apartamento 401.

O sr. D'Amorim afirma que sente certo orgulho de morar no mesmo prédio do Presidente da República e ser-lhe vizinho. Não notou qualquer diferença nos hábitos da família Café, ou pessoalmente no próprio sr. João Café Filho, depois de sua investidura na Presidência de República. «E' um homem sem qualquer arrogância ou artifício, de uma dignidade simples e trato afável e cordial». Nunca teve ocasião de alongar-se em palestra com o vizinho que, hoje, é o Presidente da República, mas sempre foi por êle tratado (já o conheceu como vice-Presidente pois ali reside há dois anos) de modo cordial, o que, acredita, continuará a acontecer.

Acrescentou que os condôminos do edifício nº 1386, da Av. N.S. de Copacabana, enfrentando uma cruenta falta dágua, e não melhorada nem quando Café foi vice-Presidente (nem agora) acham que se o Presidente pode ficar sem água (como continua) êles têm de manter-se solidários. Seu filho (Anthony) não teve ainda ocasião de brincar com Eduardo, o filho do Presidente. E' interno em Petrópolis. Mas perguntado sôbre que impressão tem do sr. Café Filho declarou que diz com bastante orgulho no colégio a seus companheiros, que são vizinhos: êle e o Presidente. Outra impressão data de ocasião anterior quando Café era ainda vice-Presidente. Certa vez assistiu-lhe saindo de casa, de casaco prêto e calças listradas, preparado para comparecer a uma cerimônia oficial. Ficou impressionadíssimo e achou que devia tratar-se de um homem muito importante.

Mrs. Sutherland por não falar correntemente o português não mantém contato mais íntimo com seus vizinhos. Participa da opinião de seu marido sôbre o sr. Café Filho. E da sra. Café acha-a uma mulher de uma dignidade simples e encantadora. Admira-a, por isso mesmo.

Por êsse Mundo de Deus





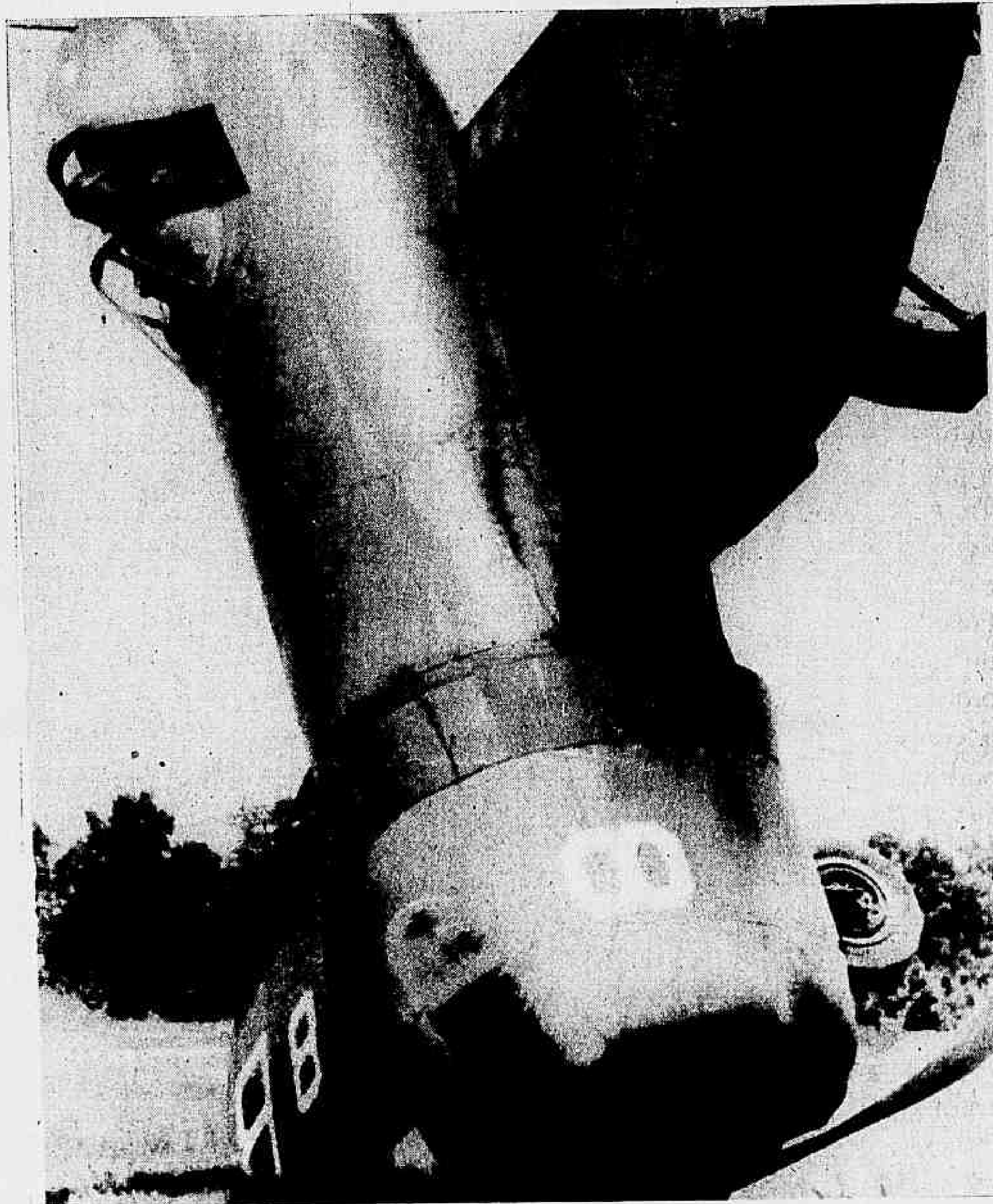
CARRO POPULAR

Uma fábrica alemã já se está preparando para produzir em massa mais um tipo de carro popular. Desta vez é o «Hoffman», com um motor de 2 c.c. que desenvolve 12-½ HP. Possui três rodas e pesa sòmente 60 quilos.

MULHER «SPEAKER»

Esta é Jacqueline Joubert, que a TV francesa acaba de lançar com enorme sucesso como «speaker». Na foto, a sra. Joubert aparece cuidando de seu filho de 7 meses. Jacqueline é casada e vive muito feliz com o marido.





MODA PARA NUDISTAS

Eis a última moda para nudistas, lançada no Texas, Estados Unidos. Trata-se do presidente do clube nudista « Sanatan », da cidade de Santo Antônio U. S., acompanhado pela sua sorridente secretária...

ACIDENTE

Em Atlanta, uma falha na decolagem provocou o acidente com êste caça da Marinha de Guerra dos Estados Unidos que era pilotado pelo tenente J. M. Brown. Como se vê, o avião caiu de nariz na pista...



CASAMENTO E TRABALHO

Linda Darnell, que faz pela Itália sua viagem de núpcias com Philip Leibmann, aproveitou a ocasião para encontrar-se com Giuseppe Amato, diretor italiano, que irá rodar um filme com ela. Aliás, Amato já a dirigiu em «Mulher Proibida», onde aparecem a Cortese e a Padovani.



PORTA-BAGAGEM

Na Califórnia, o sr. Robert F. Lemmer inventou um novo tipo de porta-bagagem que tem a vantagem de poder ser adaptado a qualquer tipo de carro. O autor parece feliz com o seu invento.





TOULOUSE LAUTREC

Eis um dos poucos retratos autênticos que se conhece de Toulouse Lautrec, feito pouco antes da sua morte. Como se sabe, graças a uma operação infeliz, o pintor permaneceu anão para o resto da vida.

TOSCANINI

Em Pallanza, perto do Lago Maggiore, o grande maestro Arturo Toscanini descansa, depois de uma vida de intenso labor. Em certa época houve quem falasse num romance entre o velho maestro e Greta Garbo...



PING-PONG

HOMERO HOMEM CANDIDATO A PÉ

EXPLICA POR QUE ACEITOU SER CANDIDATO (A DEPUTADO) ★ DIZ QUE NÃO DESISTE DE LITERATURA ★ PROMETE FAZER COISAS SE FÔR ELEITO ★ CONSULTADO SÔBRE AS MULHERES, MANDA O REPÓRTER FALAR COM RUBEM BRAGA ★ PEDE O VOTO AOS INIMIGOS ★ E INFORMA QUE NÃO ACEITA MAIS PEDIDOS DE «CADILLACS».

Reportagem de IVO ARNOUL

Fotos de VITO VASCONCELOS

Ping — Vai ingressar na política?
Pong — Não. O meu Partido me nomeou candidato. Não tive como recusar.
Ping — Gastou muito dinheiro com a campanha?
Pong — Até agora 1.000 cruzeiros, doação de anônimo, logo transformado em cédulas: precisamente cem mil, isto é, o que qualquer candidato a vereador distribui num dia de atividade eleitoral...
Ping — Se fôr eleito, que fará na Câmara?
Pong — Cumprirei o programa do P.S.B. Legislarei em função da realidade nacional, e, particularmente, em defesa da cultura brasileira, desamparada, e dos homens formadores dessa cultura, escritores e artistas, mais desamparados, ainda.
Ping — Como vê o panorama político nacional?
Pong — Com um mêdo danado. A guinada para a direita foi muito forte. O presidente, pessoalmente, é um homem profundamente democrático. Mas as fôrças que o apoiam são conservadoras, para não dizer palavra mais dura. De qualquer forma, a Constituição está salva, as liberdades continuam e, com as eleições, as coisas vão mudar.
Ping — E a literatura como vai?
Pong — No plano geral, bem, obrigado. No plano pessoal um pouco soterrada pelos últimos acontecimentos: o momento é eleitoral e eu, candidato a pé, só tenho feito distribuir cédulas.
Ping — Tem prometido muito emprêgo para depois das eleições?
Pong — Não. Apenas «cadillacs».
Ping — E' verdade que é amigo do Presidente?
Pong — E'.
Ping — Isso já lhe rendeu alguma coisa?
Pong — Sim, uma pequena despesa: um cruzeiro com uma telefonada, de um restaurante para sua residência, no dia em que assumiu; pedi à sua senhora que lhe transmitisse o meu abraço.
Ping — Voltando à literatura, quando sai o seu primeiro livro?
Pong — Depois das eleições.
Ping — E o segundo?
Pong — Depois das outras eleições.
Ping — E o terceiro?
Pong — Quando ficar pronto. Vivo mais do jornalismo e a literatura, como o trabalho, não dá camisa a ninguém.
Ping — Vai desistir dela, então?
Pong — Não, vou desistir de usar camisa.
Ping — Por falar em camisa, que número usa no pescoço?
Pong — 37, como aquêle marido da anedota.
Ping — E nos pés?
Pong — 39. Por quê?
Ping — Nada. Curiosidade.
Pong — Então pergunte mais.
Ping — Tem amigos?
Pong — Uns dez.
Ping — E inimigos?
Pong — Uns dez mil; para me eleger bastaria que êles votassem em mim.
Ping — Que pensa das mulheres?
Pong — Pergunte ao Rubem Braga. Gôsto, tenho o meu, para uso pessoal. Já para defini-las, ninguém como o Braga.
Ping — E a poesia?
Pong — Fale com o Drummond de Andrade.
Ping — E a música?
Pong — Dirija-se a Beethoven.
Ping — E a pintura?
Pong — Entreviste o Antônio Bandeira.
Ping — Posso votar em você?
Pong — Pode. Mas aviso: os «cadillacs» estão todos prometidos.
Ping — Já jogou futebol?
Pong — Já. Meia-esquerda. Fiz três goals num torneio estudantil, fui carregado em triunfo e ganhei uma medalha.
Ping — Já foi prêso?
Pong — 3 vêzes.
Ping — Por quê?
Pong — As duas primeiras por promover greves de estudantes. A última por que andei do pôsto 3 ao pôsto cinco sem camisa.
Ping — Tem algum processo nas costas?
Pong — Só um, movido pela Cantareira contra mim e o Joel Silveira. Luta anti-imperialista.
Ping — Acha que o Getúlio se matou por quê?
Pong — Por desgostos íntimos. Leia o bilhete do tresloucado.
Ping — E a carta?
Pong — A carta são outros quinhentos mil réis.





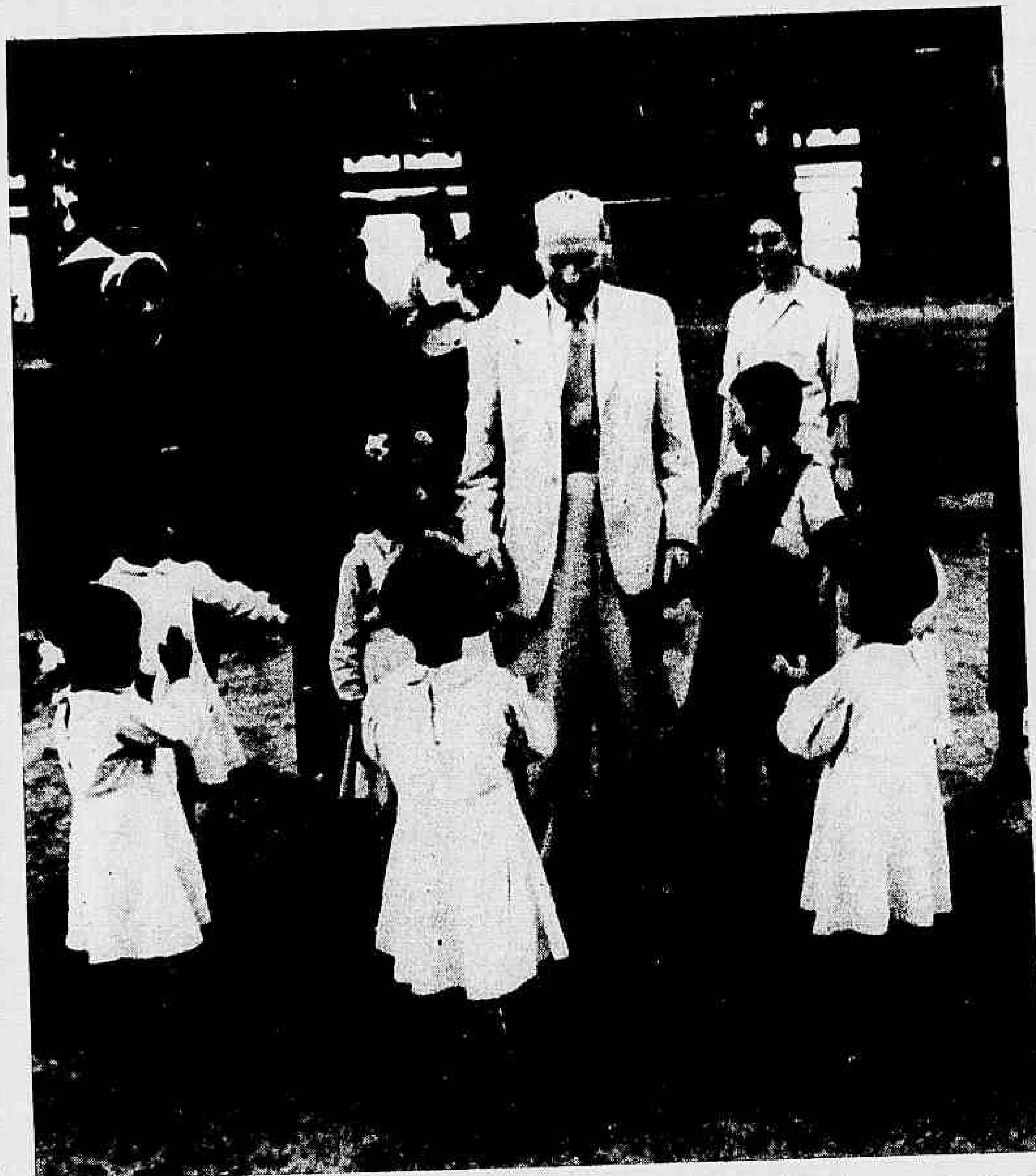
Homero Homem, escritor, jornalista, candidato a deputado pelo P. S. B. como representante da ala intelectual dêsse partido, é o nosso "pingue-ponguеado" de hoje. Aqui estão algumas perguntas feitas a Homero Homem e as competentes respostas.



ATTLEE E BEVAN TOMARAM CHÁ C



Membros da Delegação Trabalhista Inglêsa que visitou a China Comunista, percorrem poços de Kailan Coal Mines, ataviados com indumentária especial para a ocasião. O ex-premier Clement Atlee é o chefe.



A delegação trabalhista inglêsa observa com benevolência os jogos de algumas crianças da Cooperativa de Produtores Agrícolas, durante a visita que fêz à aldeia de Kaokan. Infância, na China, é importante.



Na China Comunista, há entretanto um elemento irredutível: as crianças. Eis o sr. Franshaw e mr. Sam Watson posando entre encantadoras crianças e naturalmente chinesas, mas crianças como as de todo o mundo.



Mr. Aneurin Bevan, componente da delegação trabalhista que visitou a China Comunista, durante uma visita a um centro metalúrgico local. Vê-se ainda, presente, o senhor Clement Atlee, chefe da Delegação.

COM MAO-TSE-TUNG



Os líderes do trabalhismo inglês viajaram o país inteiro, da Mongólia ao Tibet, gostaram de alguma coisa, não gostaram de muitas, e agora prometem livros e artigos a respeito do que viram



Eis Mao-Tse-Tung recebendo a delegação trabalhista inglêsa que visitou a China Comunista. Em sua residência o 1º ministro da China ofereceu um chá acompanhado de frutas, vendo-se entre os presentes, mrs. Atlee e Bevan.

ESTAMOS no tempo dos intercâmbios e das confraternizações, e dede a última guerra aprendemos que são aquêles que precedem as grandes catástrofes. Ainda agora, temos o Partido Trabalhista Inglês enviando à China Comunista, uma delegação encarregada de estudá-la. Foi ela comandada por elementos básicos do Trabalhismo inglês, isto é, sr. Aneurin Bevan, Clement Atlee, Wilfrid Burke, Sam Watson, entre outros. Da recepção que lhes ofereceu Mao-Tse-Tung, as fotografias nos dão um relato fiel: traduzem elas, no seu aspecto mais oficializado e formal, as primeiras impressões dos trabalhistas inglêses, bem como os resultados de sua missão naquela parte da China conflagrada. O leitor que julgue tudo, e poderá ver que através do sorriso calmo do sr. Clement Atlee, transparece talvez todo o seu silêncio e tôda a sua opinião sôbre esta China que é e será ainda durante muito tempo um problema para os outros povos do mundo. (Fotos APLA)

MAO-TSE-TUNG



Em seu palácio governamental, o «premier» da China Comunista Mao-Tse-Tung recebe a delegação inglêsa trabalhista. E' ela conduzida pelo sr. Clement Atlee e, ao seu lado vêem-se outros ilustres membros do Parlamento britânico.



Mao-Tse-Tung recebe a Delegação Trabalhista Inglêsa, conduzindo-a aos seus aposentos oficiais. E' fácil reconhecer o sr. Clement Atlee, o senhor Bevan e outros membros ilustres do Parlamento inglês.

COMO FAZER INIMIGOS

PAULO SOLEDADE

● Surgiu há alguns 15 anos um livro americano que ensinava aos vendedores profissionais como se tornarem simpáticos, agradáveis e, conseqüentemente, queridos pelas pessoas com quem tivessem o primeiro contato. Um dos pontos básicos para essa atração imediata apontados por Dale Carnegie, era o pronunciamento do nome, repetidas vêzes, da pessoa com quem se estivesse falando. Achava êle que todo mundo gosta de ouvir o próprio nome, e que no caso dêste ser trocado, o efeito é sempre no sentido contrário. Outra observação interessante é o fato de gostarem as pessoas de que se fale sôbre elas. Todo mundo gosta de ouvir opiniões a respeito de si próprio, quando estas são favoráveis. Citava também o autor passagens com vários criminosos que, no julgamento, que consideravam inocentes, encontrando sempre justificativa para as faltas que haviam praticado. Diz êle que ninguém se considera culpado dos seus erros. Tôdas essas citações foram baseadas em dados da psicanálise e é fácil de se compreender até onde está certo o autor de «COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS». Partindo destas considerações foi que pensei o quanto é ingrato manter-se uma sessão de crítica sem entrar em choque com os elementos do meio artístico, produtores, artistas, autores, etc. Se ninguém gosta de reconhecer os seus defeitos, qual não é o resultado quando êstes são apontados pùblicamente? Se as pessoas gostam de que se repita o nome delas freqüentemente numa palestra, como não se sentirão quando o vêem publicado na imprensa, e qual a sua reação nos dois sentidos, se o comentário fôr contra ou favorável?

Assim o que mais acontece a um cronista é fabricar inimigos constantemente. Cada sessão publicada corresponde a uma parcela de novos inimigos, fora os que se faz quando se elogia um concorrente. E levando em conta que nunca é tarde para se desgostar alguém, pois pode-se levar uma vida fazendo referências elogiosas, no primeiro senão apontado está lançada a pedra fundamental da nova inimizade, achei mais prático para melhor desempenho desta ingrata incumbência considerar-me desde já «persona non grata» de quantos fazem os espetáculos musicados e «shows» desta cidade, ficando portanto esclarecido que esta página não será jamais um veículo para contrair novas amizades e sim para perder as poucas que ainda tenho. Lamentàvelmente.



ARACI DE ALMEIDA — A inconfundível intérprete da nossa música popular (fêz 23 anos de rádio outro dia) — preferiu a escultura às buates. Nesta foto vemo-la diante de um de seus últimos trabalhos.

MUITAS PESSOAS que têm vindo de São Paulo têm comentado o sucesso de uma buate de nome «Quitandinha», cujo «show» é produzido e montado pelo proprietário daquela casa. Disseram-me tratar-se de um espetáculo folclórico onde Edson Lopes é a principal figura. Há também danças e tudo ali é Brasil.

★

O «CLUBE DA FERRADURA» homenageou a crítica especializada oferecendo uma das suas segundas-feiras. Estiveram presentes como de costume o pessoal dos teatros e buates que neste dia não trabalham. Jantar e bebidinha à vontade e muita música para arrematar a noite tão simpática.

★

O «CLUBE DA CHAVE», agora na sua nova fase, homenageou o Teatro Brasileiro de Comédia. Clayde Jaconis, Paulo Autran, Benedito Corsi e enfim todo o elenco estêve presente para assistir Jupira e suas cabrochas e um animado «show» que foi organizado, contando ritimistas, cantores e o elenco permanente daquele clube.

★

AINDA EM SÃO PAULO, a buate «Feitiço» é o ponto final das madrugadas. Depois de se espalharem pelo «Oásis», «Quitandinha» e os pequenos bares que infestaram a capital paulista, todos convergem para a casa do Meninão. Polera continua ao piano.

★

Guio de Morais apresentou um bonito trabalho musical que muito vem contribuindo para o sucesso de «NO PAIS DOS CADILLACS». Silveira Sampaio conseguiu fazer um «show» barato (também vai dizer que não é?) que tem conseguido muito mais público do que o «show» milionário da cidade. Assim acontece quando há talento.

AINDA A MEDALHA

● Estão lutando pela medalha de melhor produtor de teatro musicado da cidade os srs. Válter Pinto, Carlos Machado e Zilco Ribeiro, êste ganhador do último ano, candidato assim do retrospecto. Indiscutìvelmente as montagens de Válter Pinto têm sido as mais audaciosas tendo se elevado a enormes somas as despesas de «EU QUERO É SASSARICAR» e «É FOGO NA JACA». Dos três grandes produtores, apenas Carlos Machado, na altura em que estamos escrevendo, mostrou o seu trabalho, faltando por conseguinte os outros dois. Surpreendeu-me ler na imprensa matutina de domingo, logo após a estréia de «ESTA VIDA É UM CARNAVAL», o que havia se verificado numa sexta-feira anterior, uma crítica de um de nossos melhores e mais conceituados homens de teatro, sr. Pascoal Carlos Magno, na qual, depois dos elogios que achou por bem fazer ao espetáculo do Carlos Gomes, exigia a medalha de melhor produtor para o sr. Carlos Machado. Mas se ainda não foram apresentados os espetáculos dos outros . . . Como pode o ilustre cronista saber de antemão que os do sr. Machado é melhor? Vamos com calma que ainda tem muito para acontecer . . .





O «Clube da Ferradura» (que comemorou há pouco 52 segundas-feiras de existência) tem encontrado motivos para tornar mais agradáveis as noites de alegria e fraternidade. Recentemente, foi realizado ali um concurso de calças compridas saindo vitoriosas Consuelo Leandro, Noélia Noel e Íris Delmar. Nas fotos: (esquerda) — Noélia Noel e Janet Jane; (direita) — Janet e Consuelo, vendo-se ao fundo os diretores do Clube.

TRÊS HISTÓRIAS

ANTONIO MARIA

NO dia em que terminei o quinto ano ginasial, quando soube que tinha sido o 6º da turma, fui jogar volibol no quintal do colégio; depois, suspendi o corpo umas quatro vêzes na barra, tomei um banho frio, sem sabão, e me vesti, sem me enxugar. Não tinha gente perto e bebi água na bôca de uma moringa, que era dos internos, deixando, de propósito, escorrer um pouco na camisa. Fui andando pela rua da Aurora e, perto da ponte Santa Isabel, joguei meus livros no Rio Capibaribe. De noite, fui ser homem num sobrado da rua Bom Jesus, cujas escadas cheiravam a cêra de vela, parafina e goma de roupa. A moça chamava-se Chininha e várias pessoas tinham falado dos seus encantos. Foi tão bonito. Houve uma hora em que ela perguntou se eu não tinha sido marinheiro do cruzador «Bahia» e se não me lembrava de uma noite, que passamos juntos, no Pau da Bandeira, em Salvador. Disse que sim, sem convicção, mas, foi o bastante para que Chininha fôsse buscar um retrato meu, vestido de marinheiro, tirado de braços com ela, num lambe-lambe da cidade-baixa. Daí por diante, ela passou a me chamar de Zé Ribamar e pediu, encarecidamente, que eu trouxesse minha mala.

Daqui a uns tempos, quando forem pagas ou perdoadas tôdas as minhas promissórias, quando o meu coração estiver acomodado, quando os meus olhos não arderem de tantas madrugadas, eu dormirei 10 horas e serei o mesmo, que suspendeu o corpo quatro vêzes na barra do colégio, que bebeu água na bôca da moringa dos internos deixando, de propósito, a água escorrer na camisa.

— Zé Ribamar!...

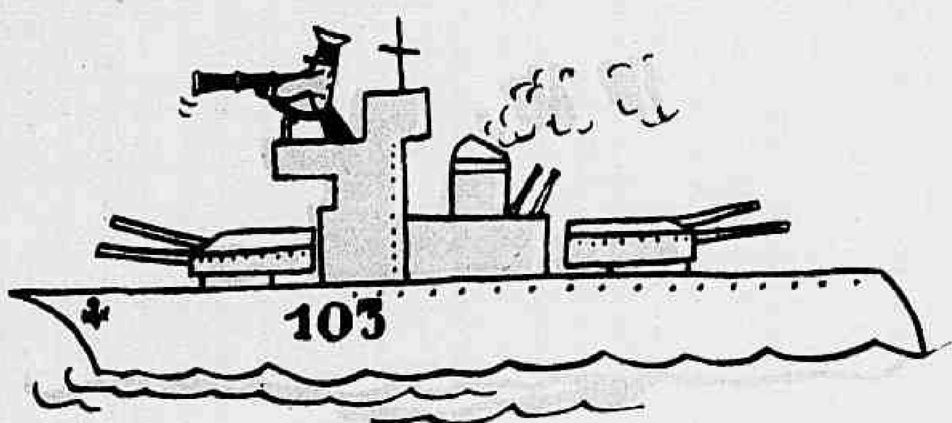
● Em Copacabana, o negro saiu de madrugada e entrou na farmácia, com os olhos vermelhos e um jeito de quem sente frio. O rapaz interrompeu a venda da minha água de colônia e foi atender o novo freguês. Êste não disse uma só palavra. Tirou um papel do bôlso, estendeu no balcão e apontou, com o dedo, o que estava escrito: «1-3-por mil». O farmacêutico não sabia o que era aquilo, nem o freguês, nem eu, nem ninguém. «1-3-por mil». Levamos uma porção de tempo tentando decifrar até que o negro falou em injeção e, juntos, chegamos à conclusão de que se tratava de: «um transpulmin» — que foi aplicado ali mesmo, contra o resfriado e o calafrio do crioulo. Perguntei quem tinha escrito a receita. Tinha sido Quitéria, a noiva do rapaz. Escreveu — «1-3-por mil» — e garantiu que era muito bom para quem está com defluxo.

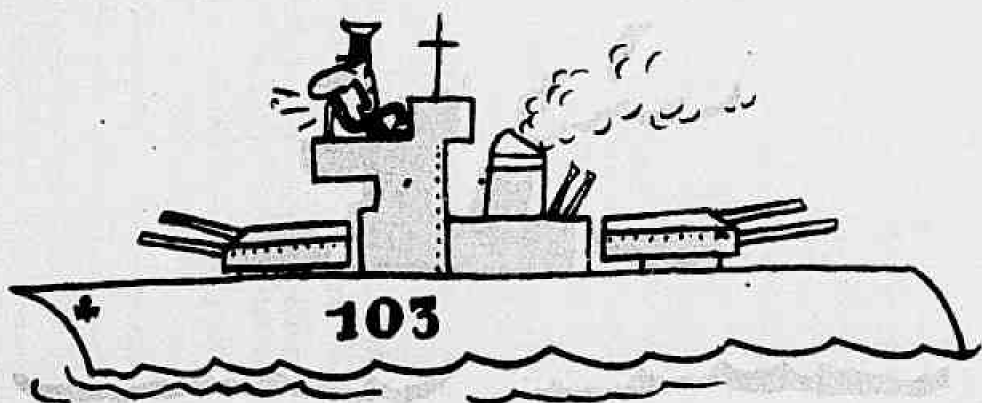
● Numa rua do centro, o velhinho de roupa sisuda foi atropelado e caiu no chão com a cabeça aberta. Da manga de seu paletó, saiu uma boneca de massa que, na queda, também quebrou a cabeça. O horror e o cheiro de sangue, a velinha que foi acesa ao lado do morto e o brinquedo partido fizeram com que quem visse a cena não tivesse fome para jantar.

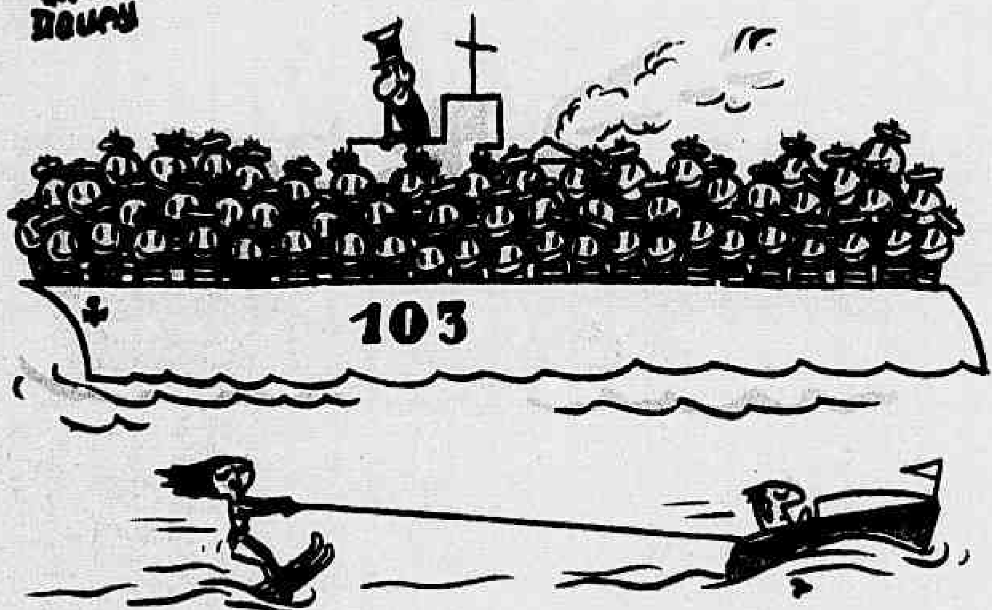
Em casa, a menina está certa de que, quando vovô voltar, traz a bonequinha.

Desenho de DAREL


1-3









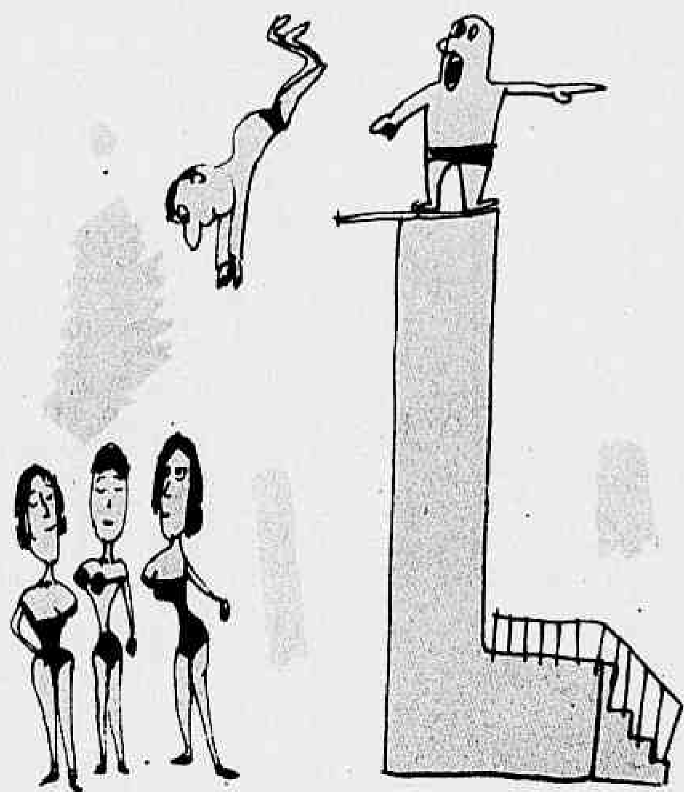
O ESPORTE NO RISO DOS OUTROS



— Nunca se é prudente demais. Quebra-se uma perna tão depressa!



– Finalmente a gente começa a saber que você queria ir à praia...



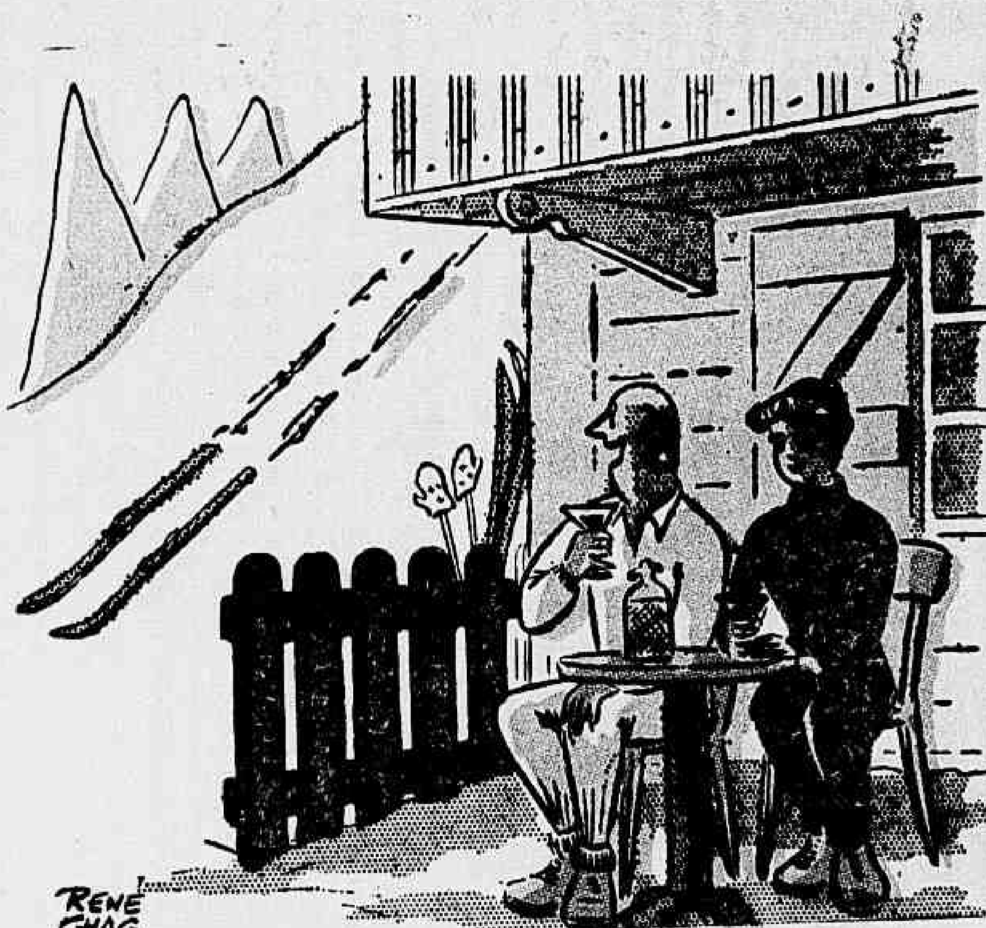
— Desgraçado, a piscina é do outro lado!



— E' horrível êsse cheiro de muguet... não se reconhece nem o gôsto da salchicha no alho!



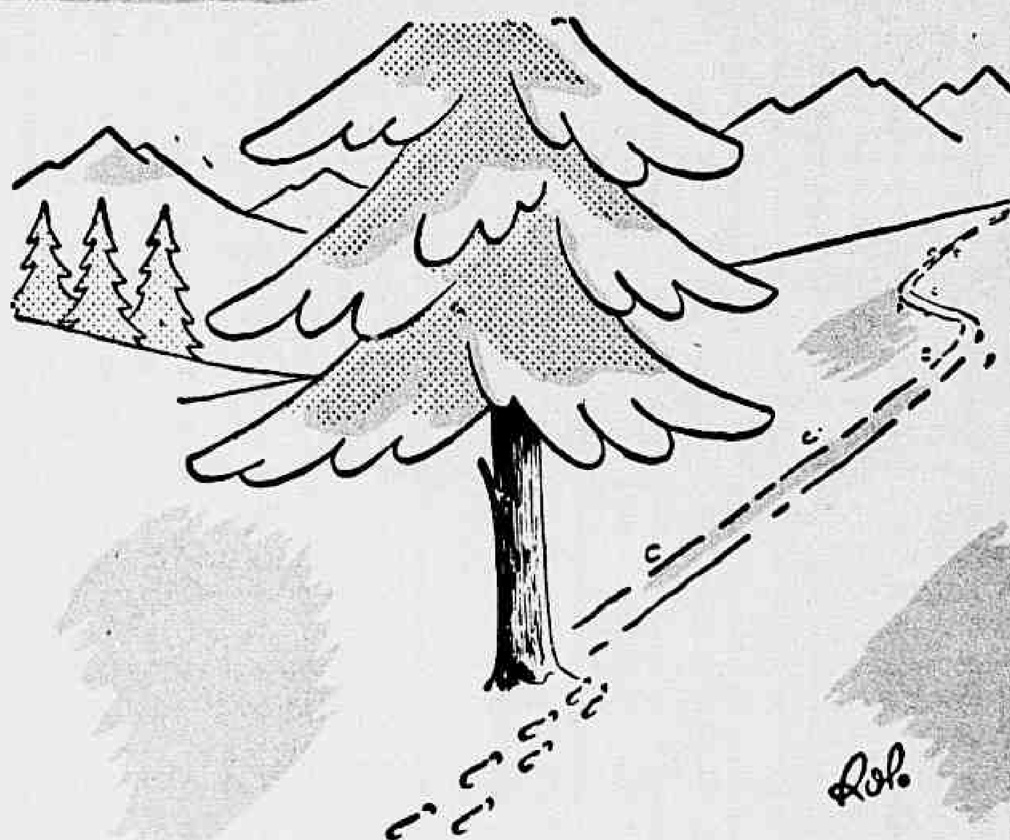
— Não cace mais peles do que o necessário: só a que dê para um capotesinho...



— Alguma coisa me diz que sua mãe vai voltar e que ela está de um humor horrível!



— Temo que você não tenha entendido as regras do «slalom»...



MARIA

Romance de JORGE ISAACS



FALEI a Bráulio para que lhe dissesse, pois meu pai acreditava que fôsse melhor assim.

— Nem podem imaginar como agradeço essa escolha. Mas também é com a esperança de que dentro de muito pouco tempo me façam de compadre.

Bráulio olhou de modo mais terno possível para sua noiva, e esta, envergonhada, saiu ràpidamente para cuidar do almôço.

Minhas refeições em casa de José eram mais como as que descrevi noutra ocasião — eu já fazia parte da família. Sem aparatos de mesa, salvo a única toalha que me destinavam sempre, recebia minha ração de feijões, papas de milho, leite e carne de cabra das mãos da senhora Luísa, sentado nada menos que entre José e Bráulio, num banquinho de madeira. Não sem dificuldade acostumei-os a tratar-me assim.

Viajando anos depois pelas montanhas do país de José vi ao pôr do sol chegarem lavradores alegres à cabana onde me davam hospedagem. Assim que davam graças a Deus ante o venerável chefe de família, esperavam em tôrno da mesa a ceia que a anciã e carinhosa mãe repartia. Um prato bastava a cada casal, enquanto os pequenos esperavam apoiados aos joelhos dos pais. E eu desviava meu olhar dessas cenas patriarcais, que me lembravam os últimos dias felizes de minha juventude.

O almôço foi suculento como de costume, e amadurecido com uma conversação que deixa ver a impaciência de José e de Bráulio em dar início à caçada.

Seriam dez horas quando, já todos prontos, Lucas carregado com o fiambre que Luísa nos havia preparado, e depois das entradas e saídas de José para pôr em seu farnel pedaços de queijo e outras gulodices que haviam sido esquecidas, pusemo-nos em marcha. Éramos cinco, os caçadores :o mulato Tibúrcio, peão da Chagra; Lucas, encarregado de uma fazenda vizinha, José, Bráulio e eu. Íamos todos armados de carabinas. Eram de caçuletas as duas primeiras, e excelentes, segundo diziam. José e Bráulio além disto levavam lanças cuidadosamente afiadas.

Na casa não ficou um só cachorro útil. Todos êles açaimados, de dois em dois, engrossaram a partida expedicionária dando latidos de prazer; e até o favorito da cozinheira Maria, Palomo, a quem os coelhos temiam cegamente, abandonou o colo para entrar no número dos úteis; porém José o despediu com uma «zumba», acompanhada de dichotes humilhantes.

Luísa e as moças ficaram intranqüilas, especialmente Transito, que bem sabia ser o seu noivo aquêle que iria correr maiores perigos, pois sua idoneidade para o caso era indiscutível.

Aproveitando uma ínvia e emaranhada vereda, começamos a subir pela ribeira setentrional do rio. Seu enviesado leito, se assim se pode chamar o fundo selvoso de suas nascentes, encantoado entre penhascos em cujos cimos cresciam, como em patamares, crespos musgos enredados entre as trepadeiras floridas. Pouco mais de meia légua havíamos andado, quando José, detendo-se na desembocadura de um largo braço, sêco e emurado por altos barrancos, examinou alguns ossos mal roídos, dispersos pela areia: eram os do cordeiro que dias antes haviam pôsto de isca para a fera. Precedendo-nos Bráulio, internamo-nos José e eu pela vala. Os rastros subiam. Bráulio, depois de uns cem metros de subida, deteve-se e, sem nos olhar fêz sinal para que parássemos. Escutou depois os rumores da selva, aspirou todo o ar que seu peito podia conter, olhou a alta abóbada que os cedros e outras árvores formavam, e continuou andando com passos lentos e silenciosos. Deteve-se de novo no fim de um momento, repetiu o exame feito na primeira estação, e mostrando-nos as unhadas que existiam no tronco de uma árvore que se levantava no fundo da vala, disse-nos depois de um novo exame das marcas: «Saiu por aqui. Parece que comeu bem e vai um tanto lento». A vala terminava vinte varas adiante por um paderão, de cujo tope se via, pelo fundo cavado ao pé, que em dias de chuva se despenhavam ali as correntezas do alto.

Contra o que eu acreditava conveniente, buscamos outra vez a margem do rio, e continuamos subindo por ela. Pouco depois Bráulio achou as marcas do tigre numa praia, e estas chegavam até a outra margem.

Era necessário certificarmo-nos se a fera havia realmente passado para o outro lado ou se, impedida pelas correntezas, sôltas e impetuosas, havia continuado subindo pela ribeira em que nos achávamos, o que era o mais provável.

Bráulio, a arma pendurada à espádua, costeou o caudal, atando à cintura um ferrão, cujo extremo era retido por José, a fim de evitar que um mau passo fizesse rodar o rapaz pela cascata abaixo.

Guardava um silêncio profundo e dominávamos um ou outro latido de impaciência que deixavam escapar os cachorros.

— Aqui não há rastro, disse Bráulio depois de examinar a areia.

Ao por-se de pé, volveu-se para nós, de cima de um penhasco, e compreendemos pelos gestos que êle nos mandava ficar quietos.

Retirou a arma dos ombros, apoiou-a contra o peito, como se fôsse disparar contra as pedras que tínhamos por trás de nós; inclinou-se ligeiramente para a frente, firme e tranqüilo, e fêz fogo.

— Ali, gritou mostrando os arvoredos por cima dos penhascos, e que ainda não podíamos distinguir. Depois, descendo aos saltos para a ribeira, acrescentou:

— Corda firme, cachorros mais para cima!

Os animais pareciam estar a par do que havia acontecido; ainda bem não os havíamos soltado, cumprindo a ordem de Bráulio, enquanto José o ajudava a atravessar o rio, e já desapareciam à nossa direita, por entre os canaviais.

Quietos! tornou a gritar Bráulio, atingindo a ribeira. E enquanto tor-



nava a carregar precipitadamente a arma, **voltando-se para mim,** acrescentou:

— Por aqui, patrão.

Os cachorros perseguiam a prêsa de perto, e ela não devia ter saída — os latidos pareciam vir de um misterioso ponto da ribanceira.

Bráulio tomou uma lança das mãos de José, dizendo-nos:

— Vocês mais para baixo, e dêste lado, porque o tigre voltará sôbre seu próprio rastro se não conseguir escapar do lugar em que se acha. Tibúrcio que vá com vocês, acrescentou.

E dirigindo-se a Lucas:

— Vocês dois costeem o penhasco por cima.

Logo, com seu doce sorriso de sempre, terminou de colocar uma bala no gatilho:

— E' um gatinho, e já está ferido.

Com estas palavras, dispersamo-nos.

José Tibúrcio e eu subimos a uma pedra convenientemente situada. Tibúrcio olhava e tornava a olhar o gancho do seu gatilho. José era todo olhos. Dali podíamos ver o que se passava no penhasco e guardar o local recomendado, pois tôdas as árvores da encosta, se bem que corpulentas, eram raras.

Dos seis cachorros, dois já se achavam fora de combate, um dêles estripado aos pés da fera, o outro deixando ver as entranhas através das costelas desgarradas viera em nossa procura e expirava dando latidos lastimosos junto à pedra que ocupávamos.

De costas contra um grupo de árvores, fazendo serpentear a cauda, eriçando o dorso, olhos chamejantes e dentadura descoberta, o tigre lançava rugidos roucos, e ao sacudir a enorme cabeça, as orelhas faziam um rumor semelhante às castanholas de madeira. Ao voltar-se, fustigado pelos cachorros, não escarmentados ainda que não estivessem muito sãos, via-se que de sua ilharga esquerda escorria sangue, que ela às vêzes tentava lamber, inùtilmente, porque então o acossava a mantilha com vantagem.

Bráulio e Lucas apresentaram-se saindo do canavial sôbre o penhasco, porém um pouco mais distante da fera, do que nós. Lucas se achava lívido, e com as faces manchadas de azul.

Formávamos assim um triângulo de caçadores, podendo os grupos disparar sôbre a fera sem nos atingirmos mùtuamente.

— Fogo, todos a um só tempo! — gritou José.

— Não, não, os cachorros! — respondeu Bráulio. E deixando seu companheiro sòzinho, desapareceu.

Compreendi que um disparo geral poderia terminar tudo; porém era certo que alguns cachorros sucumbiriam. Não morrendo o tigre, era fácil para êle fazer algumas diabruras, encontrando-nos com as armas descarregadas.

A cabeça de Bráulio, com a bôca entreaberta, olhos dilatados e a cabeleira revolta, assomou entre o canavial, um pouco atrás das árvores que defendiam a encosta da fera; no braço direito levava a lança em riste, e com o esquerdo desviava as fôlhas que o impediam de ver bem.

Todos permanecemos mudos; os próprios cachorros pareciam interessados no fim da partida.

Finalmente José gritou:

— Hubi! Mataleão! Hubi! Morda-o, Truncho!

Não se convinha dar trégua à fera, e evitava-se assim maior risco a Bráulio.

Os cachorros voltaram ao ataque simultâneamente. Outro dêles morreu sem dar um gemido.

O tigre deixou escapar um horrível miado.

Bráulio apareceu por trás do grupo de árvores, do nosso lado, empunhando a haste da lança sem a fôlha.

Em sua busca, a fera deu volta idêntica — e êle gritou:

— Fogo! Fogo! voltando a ficar a pequeno espaço do lugar de onde havia atirado a lança.

O tigre procurava-o. Lucas havia desaparecido. Tibúrcio estava côr de azeitona. Apontou, e só a espoleta ardeu.

(Continua no próximo número)

Tradução de LÚCIO CARDOSO **Desenho de RAMÓN**

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital do seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados do interior da Colômbia. Além dos filhos criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Veio para a companhia dos tios e padrinhos desde pequenina, quando a mãe falecera. Efraim e Maria se criaram como irmãos, embora não ignorassem a verdade. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência voltou à casa paterna, se surpreendeu com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morrera a mãe —, bem como porque o filho deveria ir para a Europa a fim de aperfeiçoar-se em Medicina. Nesse interim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça não sofria de ataques epiléticos, e que a longa vertigem que tivera, não fôra causada por tal moléstia. Efraim parte para caçar em casa de uns amigos, onde mata um tigre. Após descansar lá, regressa para casa, ansiando por ver Maria. Mais tarde, Efraim recordará com saudade essa visita.



● *Alegria de voltar aos belos dias de Sol, alegria de saudar a Primavera, alegria de ser jovem e sem entraves, alegria de viver. Alegria de ser uma mulher sadia, esportiva e risonha, uma mulher vestida de claro, com movimentos livres, uma mulher ativa, simples, que sai à noite sem aparatos e escolhe seus vestidos sombrios, com detalhes pessoais sem pretensão.*



A "LINHA" DA FELICIDADE

Texto de MARINA SALES — *Desenho de LAURITZ BERN*



● *A Mulher jovem de 1954 vive, pensa e se veste sob a linha da felicidade — e mesmo de todos os porte-bonheur, desde a margarida e o trêvo de quatro fôlhas até o cavalo-marinho e o louva-a-Deus, que enfeitam uma engenhosa gola ou um decote.*

E a Mulher revela o seu gôsto pela vida pela sua predileção pelas côres claras, o azul, o rosa, o branco e todos os estampados floridos que ela utiliza nesta estação.

Doente em casa

● Quando uma criança cai de cama, naturalmente que o primeiro cuidado da mãe é chamar o médico. Êste vem, receita e se vai. A responsabilidade do tratamento fica tôda, porém, com a mãe pois nem sempre é o caso de se chamar uma enfermeira. As doenças infantis não apresentam gravidade, em geral, quando tratadas com cuidado.

Para que o doentinho tenha confôrto em casa, não é necessário adquirir uma porção de utensílios, como encostos para o leito, leitos que se levantam nos pés ou nas cabeceiras, mesinhas para as refeições na cama, etc. Tudo isso será, depois, de pouco uso e além disso você não saberá onde guardá-los.

Quase tudo pode ser improvisado econômicamente. Vejamos como:

★ Um apoio para as costas será feito com uma tábua encostada à cabeceira da cama, inclinada. Sôbre ela se colocará uma das almofadas da poltrona da sala, forrando-a de plástico para não se estragar.

★ Com um caixote, ou mesmo uma caixa de papelão forte, improvisa-se uma mesinha para servir refeições na cama. Basta cortar semi-círculos nos lados opostos, de tamanho suficiente para passar as penas do doente. Forre-a com tecido barato de algodão, se quer dar-lhe melhor aparência.

★ Também uma caixa de papelão, cortada da mesma forma, servirá para proteger as partes feridas ou sensíveis do corpo. Conforme a parte a proteger, o tamanho e forma variarão. Com essa proteção, se evitará o atrito, por vêzes doloroso, das cobertas.

★ Para feridas nos joelhos ou cotovelos usam-se rolos de pano em «rôsca». Podem ser feitos com meias velhas e costuradas para não se desmancharem.

★ Se quer levantar um pouco os joelhos do doente, para que suas pernas descansem, enrole uma toalha de banho e coloque-a em baixo dos joelhos. Será uma posição confortável e repousante para o doente.

★ Se o médico mandou colocar as pernas do doente um pouco mais elevadas (ou a cabeça), não compre a cama de hospital da qual falamos no início. Arranje duas latas de conserva do mesmo tamanho. Encha-as até a metade com areia, ou mesmo com jornal velho. Coloque os pés da cama dentro dessas latas. E' uma maneira segura de levantar um pouco o leito de um só lado.

★ Uma coisa que incomoda e irrita o doente é o barulho de portas que se fecham e se abrem. Evite êsse rumor protegendo as portas com uma toalha de rosto enrolada, prêsa nos trincos interiores e exteriores, de forma que elas não possam bater. Ou, então, use saquinhos de areia no chão, para prendê-las na posição que desejar.

Há muitas outras idéias práticas que você mesma poderá encontrar, com imaginação, e vontade de dar todo o confôrto ao seu doente, sem sobrecarregar o orçamento doméstico, que, provàvelmente, o preço dos remédios já fêz «estourar».

NOTINHAS ÚTEIS

Relógio e Televisão — O écram do aparelho de televisão emite uma corrente eletro-magnética muito forte, que poderá desregular o seu relógio. Procure não ter relógios de parede muito perto dos aparelhos de TV.

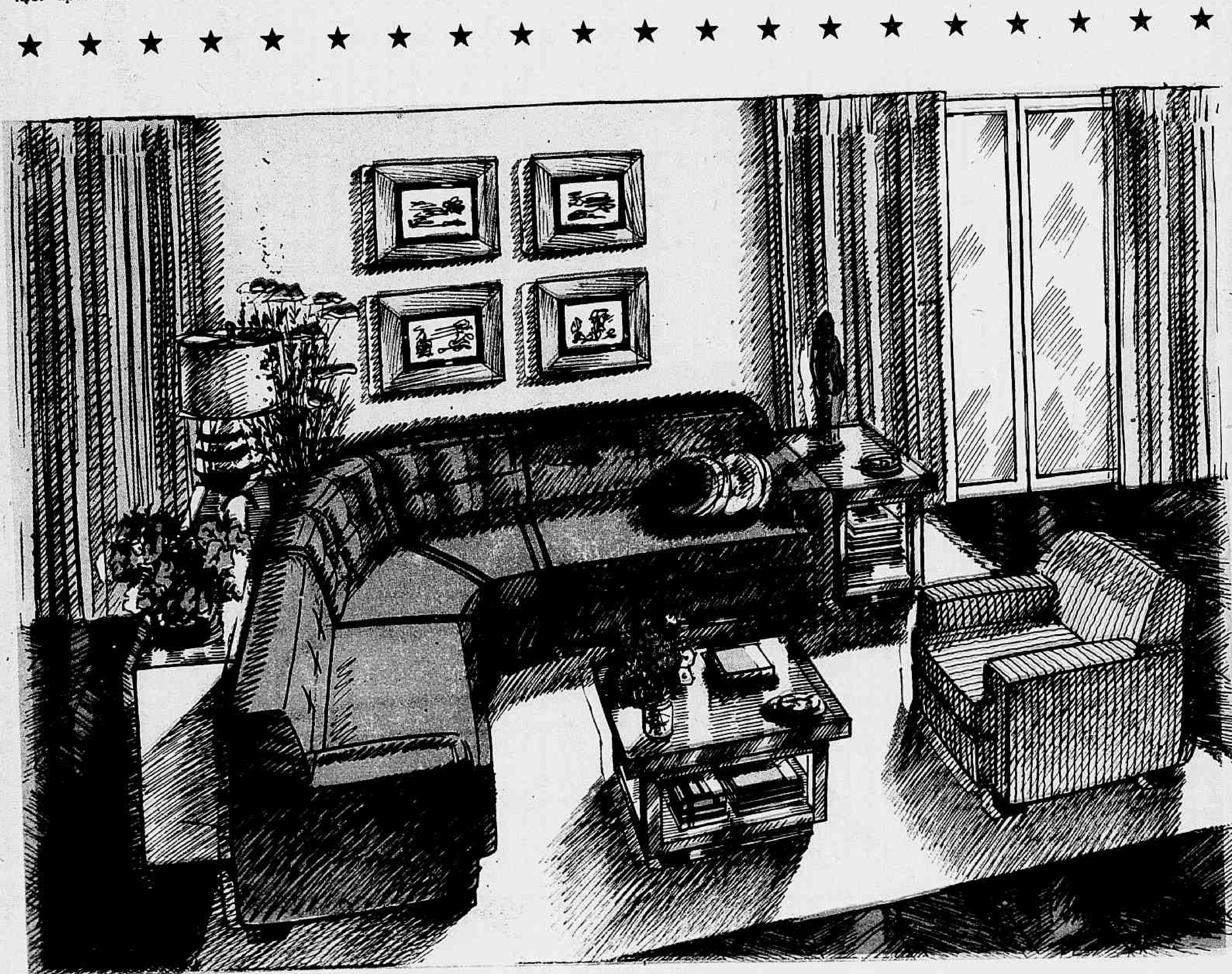
★

A Tampa do Vidro de Esmalte — Se a tampa do seu vidro de esmalte para unhas endureceu, não a force. Vire o vidro de cabeça para baixo por alguns minutos, que o próprio esmalte de dentro se incumbirá de dissolver aquêle que endureceu a tampa.

★

Sapatos de Camurça — Apesar de não serem engraxados, os sapatos de camurça precisam de trato, para se conservarem como novos. De vez em quando umideça-o com vapor de água, e passe uma escôva macia. Depois, deixe que sequem completamente ao ar livre, porém na sombra.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★





Week-end na cozinha

● Vamos dar hoje a receita de um prato que é uma espécie de cozido chinês. Tão delicioso é que passou as fronteiras orientais. Caracteriza-se principalmente pelo môlho de soja, tìpicamente do levante, mas que não será difícil encontrar já pronto nas casas especializadas em comestíveis finos.

Vejamos como se prepara êsse cozido, que os chineses chamam na sua língua por uma palavra que se pronuncia «xop-suí». A receita vai dada em quantidade suficiente para **10 pessoas**, pois como a nossa feijoada, é ótima para se saborear entre amigos.

1 — Tome 600 gramas de carne já limpa (pode ser carne de vaca, de porco ou de cabrito). Passe a carne, picada em pedaços regulares, em farinha de trigo. Depois toste-a numa panela quente, com manteiga (uma colher das de sopa, cheia).

2 — Acrescente uma xícara de farinha de trigo, e ponha, devagar, meio litro de caldo de carne já preparado. O caldo deve ser despejado lentamente, mexendo-se sempre.

3 — Junte uma xícara de môlho de soja, 3 xícaras de cebolas em fatias, e 4 xícaras de aipo picadinho. Deixe ferver, durante três quartos de hora, até que o aipo esteja macio.

4 — Sirva êsse prato com arroz bem sôlto e tostadinho.

Sugestão para o lar

● Num recanto de uma sala ampla foi arrumado um grupo para conversa. Constitui o ponto central do grupo um sofá em semi-círculo, formado por 4 peças separadas, para não constituir um móvel pesado. Um lado está encostado à parede e o outro apoiado a uma estante de livros, que faz frente para a continuação do aposento (provàvelmente mobiliado com escrivaninha e biblioteca). O sofá é forrado em couro vermelho claro. A mesinha central e a outra lateral, assim como a estantezinha atrás do sofá, em madeira clara, levemente queimada.

A poltrona isolada constitui a única nota de côr viva, pois é forrada em tecido grosso, vermelho com listras muito finas em negro. Tapête castanho claro. A iluminação indireta provém de uma abertura central no fôrro.

UM POUCO DE BELEZA



Maquilagem

● O uso de maquilagem do rosto só tem uma finalidade: fazer com que você fique mais bonita, realçando o que tem de mais belo, e disfarçando o que é menos perfeito. Portanto, você não deve adotar uma maquilagem apenas porque está em moda, nem seguir rigorosamente os esquemas dos fabricantes de tais produtos. Hoje em dia é difícil encontrar uma mulher que se pinte. E' que a maquilagem dá à pele um acabamento fino e acetinado, como o de um rosto adolescente. Vejamos como fazer uma maquilagem bem feita:

1 — A base deve ser aplicada de forma a se tornar parte de sua própria cútis. Ponha um pouco de preparado na ponta dos dedos, espalhe bem no rosto, esbatendo para os lados.

2 — A não ser que você seja muito jovem, precisa usar rouge. O rouge contribui para tornar mais vistosos e brilhantes os seus olhos.

O rouge em creme dá a pele uma tonalidade suave, porém não deve ser usado por aquelas que têm poros abertos, realça mais ainda êsse defeito. O rouge compacto, sêco, será melhor.

3 — O pó de arroz deve ser exatamente da tonalidade de sua pele ou um pouquinho mais escuro, nunca mais claro. Passe uma camada abundante, depois retire o excesso com uma esponja macia. Segundo os anunciantes, existem pós que aderem à pele «por muitas horas». Se não usar, porém, uma base, isso nunca lhe acontecerá.

4 — Use um pouco de sombra nos olhos — o suficiente para suavizar o olhar. Depois escove os cílios e as sobrancelhas.

Os modernos preparados para máscaras não derretem com as lágrimas. Alguns se mantêm perfeitos quando molhados com a água do mar ou das piscinas. A máscara é necessária para realçar a beleza dos cílios.

5 — Finalmente, o baton. Deve combinar com o rouge e ser passado com um pincel para se conseguir contôrno perfeito dos lábios. Passe a primeira camada. Aperte os lábios com um papel absorvente para retirar o excesso. Torne a passar o baton. Durará muito mais, assim.

BUSTO BEM TORNEADO

● Se a natureza não foi pródiga com você em relação ao busto, siga o exemplo de algumas "estrêlas" de Hollywood, use-os postiços. Já existe uma grande variedade de bustos postiços em borracha ou outro material, completamente iguais aos que a natureza devia ter-lhe dado. Verdadeiro ou falso, o busto bem feito é parte da beleza feminina.



"BAIXO RELÊVO"

OTTO SCHNEIDER



● Há precisamente dez anos, um jovem romancista baiano estreava com uma obra de ficção que vinha pejada de uma rica experiência pessoal. O livro chamava-se «Cascalho», e foi tal a insistência com que os críticos se puseram a esmiuçá-lo, que seu autor — Herberto Sales — tornou-se na ocasião um dos nomes mais falados no panorama das letras nacionais.

Herberto Sales vinha dos garimpos e, lançando-se à ficção, fêz mais do que despejar nas páginas do seu primeiro romance o lastro daquela vivência: realizou também uma notável contribuição ao estudo do vocabulário e da sintaxe de tôda uma região brasileira.

Depressa «Cascalho» se esgotou, mas o autor não se apressou em reeditá-lo. Preferiu levar alguns anos a retocá-lo, para, só em 1951, apresentar a segunda edição, definitiva.

Sabe-se que Herberto Sales está escrevendo um novo romance, que possivelmente não aparecerá tão cedo. Enquanto isso, apresenta-nos agora outro livro, de gênero completamente diverso: «Baixo Relêvo», lançado pelas Edições O Cruzeiro. São notas e considerações à margem de livros nacionais e estrangeiros, escritas quando Herberto Sales fazia a apreciação literária na revista «Cigarra», e se submetia, por dever de ofício, a um regime de leitura variadíssima.

Essas notas críticas, claras, objetivas, despidas de retórica, reuniu-as em livro, ampliadas algumas, outras resumidas, ocupando ora duas ou mais páginas, ora apenas uma dezena de linhas. Um mosaico literário, no melhor sentido, de observações agudas e inteligentes. Em resumo, «Baixo Relêvo» são 94 flagrantes de leitura, distribuídos por 134 páginas, à margem de livros, autores e problemas da criação literária, numa linguagem direta que estabelece imediato contato entre leitor e autor.

Pastoral

Segui teu passeio
na alameda larga,
longe ausente ouvindo
gênio transmigrado
em poder sonoro.
Segui teu passeio
na alameda larga,
sem saber partias
devolvido a quem
te formou corpóreo.

Segui teu passeio
na alameda larga,
ouvidos atentos
não sòmente ao som,
porém alma e fonte.
Segui teu passeio
na alameda larga,
sem saber partias
de sons libertado
e de todos longe.

Segui teu passeio
que te acompanhava,
lágrimas e flores,
na alameda larga,
sem saber, tornado
raios de pureza,
ias solitário
por outra vereda.

Ruth Sylvia de Miranda Salles, em «PASTORAL»

«A COMÉDIA HUMANA» — XIII



● Com o recente lançamento do vol. XIII de «A Comédia Humana», de Balzac, pela Editôra Globo, já só faltam mais quatro para completar a gigantesca obra em sua edição brasileira que foi organizada pelo sr. Paulo Ronai. O presente vol. XIII abrange dois romances: «Os Camponeses» e «O Médico Rural». O primeiro, só parcialmente foi publicado em vida do romancista, e nêle Karl Marx e Friedrich Engels descobririam um documento sociológico de alto valor, pois pela primeira vez representava-se na literatura a luta das classes através de uma análise impiedosa das relações entre o grande proprietário e os camponeses que lhe cultivavam a terra. Quanto ao romance «O Médico Rural», vêem nêle os críticos uma espécie de utopia. Seu protagonista é um santo moderno que redime uma região inteira da miséria e da doença. O volume de 494 páginas é precedido de dois ensaios: «O Método de Balzac», de Ramon Fernandez, e «A Humanidade vista por Balzac», de Ronald de Carvalho. A tradução estêve a cargo de Carlos Drummond de Andrade e de Vidal de Oliveira.

AUGUSTO MEYER

Além dos «Poemas de Bilu», que os Editôres Irmãos Pongetti anunciam para breve, vários outros livros de Augusto Meyer aparecerão ainda êste ano. Assim, a Organização Simões, que recentemente publicou nova edição do ensaio «Machado de Assis», apresentará «Pêssegos Verdes», uma recolta de ensaios sôbre literatura gaúcha. O título foi sugerido por uma passagem de Saint-Hilaire. Aparecerá ainda, através da Livraria São José, do livreiro-editor Carlos Leite Ribeiro, uma exegese do «Bateau Ivre», já em composição. Sabe-se também que Augusto Meyer seguirá em breve para a Alemanha, onde deverá permanecer dois anos para dar um curso sôbre literatura brasileira.

CERVEJA PRETA

Guimarães Passos, poeta lírico de grande delicadeza e inspiração, havia chegado certa vez de Alagoas, onde deixara uma noiva. Comparecendo à «Confeitaria Cailteau», sentou-se taciturno e tumular e pediu uma garrafa pequena de «Guines's».

Alguém perguntou-lhe:

— Que é isso, poeta? Vais te meter em cerveja preta?

— É do estilo, meu amigo— respondeu funéreo o Guima. — Morreu minha noiva. Estou de luto...

GUIA TURÍSTICO

● Possui agora a cidade de São Paulo um Guia Turístico que é absoluto privilégio da capital bandeirante: tem 200 páginas, formato de bôlso, todo impresso sôbre papel couchê que garante a nítida reprodução da ampla parte fotográfica. Seu preço é de 60 cruzeiros. Descritivo e informativo, o «Guia Turístico da Cidade de São Paulo» inclui também diversos mapas coloridos da capital e dos arredores de São Paulo. Inicialmente apresenta um apanhado histórico, a descrição de todos os monumentos e instituições públicas, descreve o itinerário de todos os ônibus e bondes, indica passeios e detalha as estações balneárias e climáticas do Estado de São Paulo. Enfim, um Guia Turístico de imediata utilidade, publicado pelas Edições Melhoramentos. Sabe-se que a mesma editôra pretende lançar um Guia idêntico do Rio.



o consórcio





tem a satisfação de apresentar seu novo avião

Convair 340

O "Convair-340" é fabricado pela Consolidated Vultee Aircraft Corp., produtora dos famosos B-36 (o maior bombardeiro do mundo), dos Delta F-102, dos T-29, dos R-34, dos Sea Dart XF-21 e outros. Tôda a experiência e a técnica adquiridas na construção dêsses extraordinários aparelhos foram aplicadas no "CONVAIR-340" — que reúne tôdas as qualidades de um avião super moderno, veloz e forte. O "CONVAIR-340" têm sida submetido a tôdas as provas e é considerado universalmente como o mais completo e perfeito bi-motor da atualidade.

O "CONVAIR-340" marca uma nova era no progresso da aviação comercial e é com orgulho que o CONSÓRCIO REAL-AEROVIAS anuncia a sua inclusão em sua frota (atualmente composta de 72 aparelhos DC-3 e DC-4), de 8 aviões "CONVAIR-340", estando dessa forma aparelhado para corresponder a confiança e preferência do povo brasileiro, a cuja colaboração deve seu extraordinário progresso, sem precedentes na história da aviação.

- ★ 44 passageiros
- ★ Cabine pressurizada
- ★ 450 quilômetros por hora
- ★ Ar condicionado
- ★ Hélices de passo reversível
- ★ Rodas duplas no trem de pouso





Yma Sumac, uma das mais famosas intérpretes da música peruana, quando almoçava com o criador de «Première Musical».

A RÁDIO GLOBO PASSARÁ À HISTÓRIA

Louis Serrano e suas apreciações sôbre o rádio brasileiro ★ Seu espanto diante do que realizamos em matéria de televisão ★ Carmen Miranda e sua situação no cenário artístico americano ★ O baião e o interêsse dos ianques por êsse gênero de música.

Reportagem de ARMANDO MIGUEIS — Fotos SERMA-HOLLYWOOD

COM ares de quem deseja descobrir «algo», o físico à Johnn Weissmuller, nosso patrício Louis Serrano, ora radicado na meca do cinema, pisou terra brasileira. «Flashes» piscaram com alguma insistência. Microfones colocaram-se à frente do visitante. Lápis e blocos de papel surgiram diante do recém-chegado. Abraços e perguntas juntaram-se numa confusão doidíssima. Serrano, por sua vez, sorria e suava, compreendendo o interêsse daquela turma que o fôra receber no aeroporto. Sabia que todos desejavam ouvir as novidades do país dos dólares, bem como a situação da nossa Carmen. Por isso, um tanto ademarìsticamente, êle foi arrancando o paletó e iniciando a conversa que a turma da imprensa falada e escrita desejava.

Em princípio, Louis Serrano disse da sua vinda. Contou o interêsse (despertado pela baiana Marta Rocha) sôbre a mulher brasileira no que se refere a seu aproveitamento pelo cinema. Êsse interêsse foi tão grande que aqui me encontro à procura de beldades, falou o entrevistado. Aliás, nosso patrício já estava de posse de algumas fotografias de garôtas que, por sinal, foram filmadas em côres. Outras interessadas poderão procurar os escritórios da SERMA, a fim de se habilitarem a tão auspiciosa quão ambicionada chance, foi afirmando Serrano. Todo êsse material selecionado, após apresentação aos produtores norte-americanos e a respectiva seleção feita pelos tais, aguardará, então, a filmagem das histórias, quando, por sua vez, serão chamadas as escolhidas.

As perguntas sôbre Carmen Miranda chovem. Serrano dispõe-se a satisfazer a curiosidade dos seus companheiros de imprensa. Começa por afirmar que há cêrca de um mês estêve com a «garôta bombshell», quando da reunião que Carmen promoveu para homenagear os artistas que participaram do Festival de Cinema, em São Paulo. Garante sentir-se à vontade para falar sôbre a nossa grande intérprete que, no momento, não está filmando grandes produções. Participa, isto sim, de pequenos «shorts». Com referência, ainda, a seu êxito na Broadway, Carmen luta com a falta de números novos, repetindo aquêle repertório de todos já conhecido. Mesmo assim, os ianques não se esquecem da «estrêla», tendo, com desusada freqüência, palavras de louvor para com ela. Basta dizer — assegurou Serrano — que Carmen constitui uma coisa típica de nossa terra. É bastante falar no Brasil para que os americanos se refiram à «Pequena Notável».



Van Johnson, figura conhecidíssima do público brasileiro, saboreia com Louis Serrano uma xícara de café, durante uma filmagem realizada nos estúdios da Metro.



Glen Ford, apesar do fracasso acontecido com a filmagem que deveria realizar em nossa terra, nem por isso se mostra descontente. Depois de conceder uma entrevista a Louis Serrano, o astro sorri satisfeito do que disse.

UM PROGRAMA QUE OS BRASILEIROS RECLAMAVAM

Louis Serrano, não é segrêdo para ninguém, foi o lançador dos programas «Disc Jockey» entre nós. Sim, porque os rotulados dêsse nome nada representavam de real. Êle é que começou a estudar, com fidelidade, o valor de uma gravação, analisando o mérito do cantor, do músico e da orquestra, além de apresentar detalhes curiosos e interessantes relacionados com os mesmos. Graças a êsse cartaz, então transmitido pela Rádio Globo, os apreciadores da música em conserva passaram a ter o seu programa.

Mas, um dia Serrano voltou a fazer à América. O «Disc Jockey» não resistiu a ausência do seu criador e morreu. Há dois meses, porém, a PRE-3 lançou, com alguma publicidade, o programa «Première Musical» que, como é do conhecimento geral, traz a assinatura e a responsabilidade do nosso patrício. Daí, a curiosidade em saber os motivos que o levaram a essa iniciativa.

— Moços brasileiros — começou por dizer o entrevistado — correspondiam-se comigo, lamentando a ausência de um musical diferente no «broadcasting» brasileiro, tal como eu fizera anteriormente. Animei-me com a história. Mais, ainda, quando uma grande emprêsa interessou-se pelo negócio. Tratei, então, de organizar êsse «Première Musical» que, tôdas às têrças-feiras, às 20 horas e 35 minutos, a Rádio Globo transmite.

— Você encontra dificuldades para organizar êsse musical?

— Nenhuma. Basta selecionar os grandes sucessos da Broadway, convidar seus intérpretes e gravá-los, levando-os ao estúdio para tanto. Feito isso, o agente se encarrega do resto, fazendo-o chegar até ao Rio. Na Cidade Maravilhosa, a princípio, surgiram algumas dificuldades de ordem técnica que, felizmente já foram sanadas.

Em «Première Musical» você se interessa, ùnicamente, pela gravação de músicas?

— Conquanto as músicas representem o principal, nem por isso deixo à margem as entrevistas, tão do agrado do público brasileiro. Dessa maneira, já tive oportunidade de oferecer aos ouvintes da PRE-3 diversas entrevistas e reportagens.

A ESPECIALIZAÇAO É UMA GRANDE COISA

Aproveitamos a referência de Serrano às entrevistas e reportagens para conhecer sua opinião sôbre êsse gênero de programas de que o rádio brasileiro lançou mão nestes últimos tempos. Principalmente a Rádio Globo, cuja programação de estúdio, inclusive irradiação de novelas, cedeu lugar às reportagens. A resposta veio rápida:

— Especializando-se em reportagens políticas e esportivas, conseguiu a emissora de Roberto Marinho formar uma equipe excelente. Trazendo o povo bem informado e orientando-se nos grandes problemas, sua contribuição é muito maior do que os elementos possam pensar. Aqui, neste ponto, fala o jornalista, não o produtor de programas. Por isso, acho que a Rádio Globo passará à História como marco da situação atual, através de um serviço gigantesco para o povo e maior para o Brasil.

Serrano mostrou-se pasmo, por sua vez, com o trabalho da televisão. Garantiu-nos que não sabe como com tampouco se faz tanto. Porque, os americanos, por exemplo, sem os elementos técnicos e a maquinaria indispensável, achariam impossível fazer o que os brasileiros apresentam. Neste andar, acredita o entrevistado, iremos muito longe, tal como está acontecendo com o rádio que, a seu ver, se tornou uma grande organização, onde a ordem, a eficiência e o progresso estão latentes. Acha-o um pouco americanizado, opinião que concordamos.

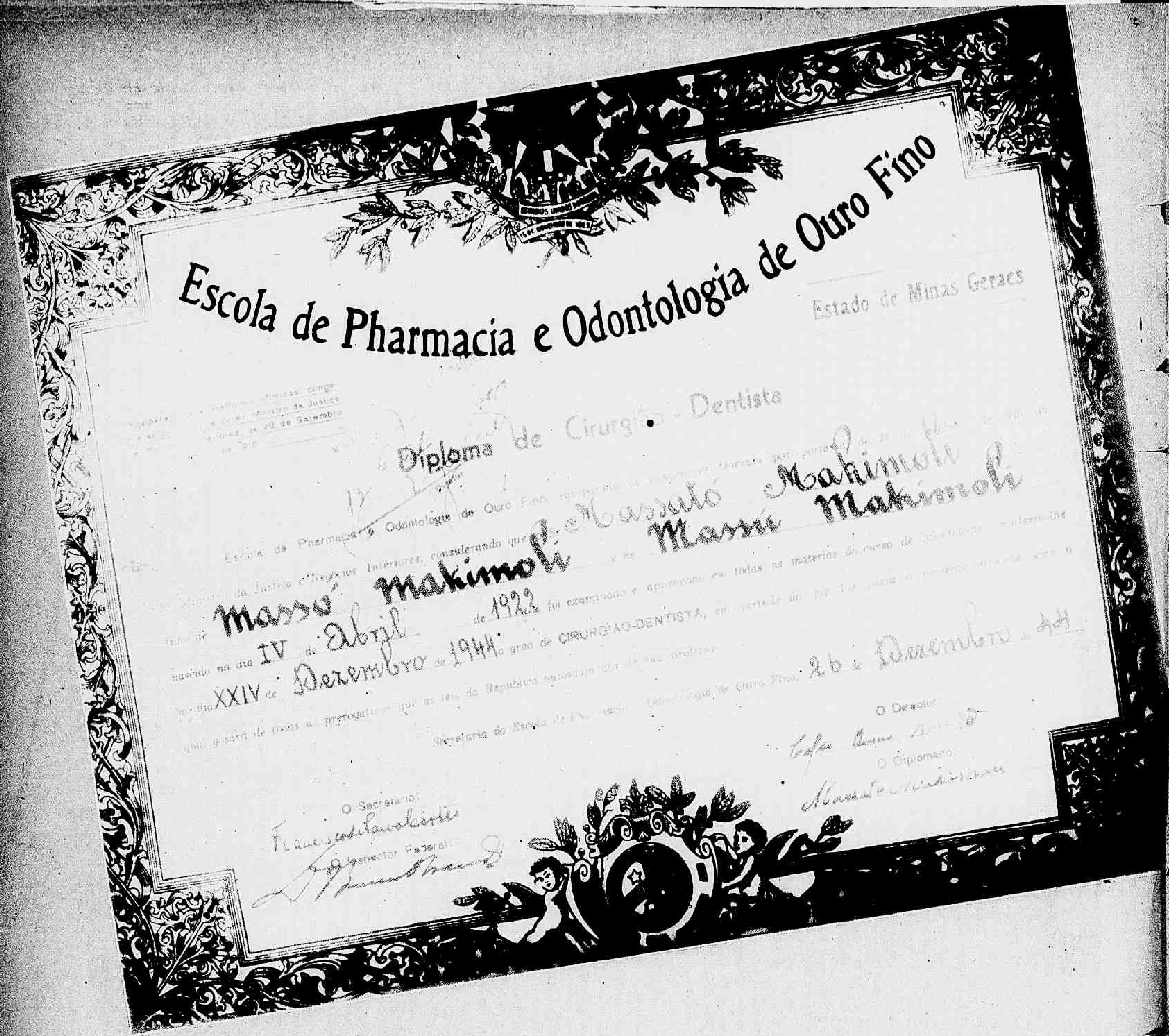
A turma presente mostra-se interessada em obter informações sôbre a música brasileira nos Estados Unidos. Serrano foge à palestra que mantinha conosco para satisfazer ao pedido dos demais colegas. Diz que os sucessos, presentemente, são «Brasil», «Baixa do Sapateiro» e «Delicado». O interêsse pelo baião ou «baion», como chamam os americanos, é alguma coisa de impressionante. Uma intérprete dêsse gênero que leve para lá o que Carmen levou para o samba, é o que está faltando. Nessa altura, o entrevistado volta a afirmar que «se o baião tivesse uma Carmen Miranda seria o maior sucesso nos Estados Unidos!»

A propósito dêsse fato, o criador de «Première Musical» pretende organizar um conjunto e contar com o concurso de Carmélia Alves, a fim de mostrar aos nossos irmãos ianques, em sua perfeita execução, aquilo que tanto os tem entusiasmado.

Serrano falou, ainda, de outros planos. Declarou que enviará duas reportagens por semana para a Globo, focalizando os diferentes aspectos da vida americana e abordando os principais acontecimentos que ali se desenrolarem. Disse da coluna diária que passará a manter no vespertino «O Globo» e do seu desejo de servir cada vez mais à sua Pátria, através de um perfeito intercâmbio artístico entre brasileiros e norte-americanos que, ao contrário do que afirmam certos elementos, nada possuem de imperialistas. O desejo dos sobrinhos de Uncle Sam é, justamente, realizar bons trabalhos valendo-se daqueles que têm capacidade para as tarefas a serem executadas.



Num «set» da Columbia, Louis Serrano ouve Dorothy Malone contar um punhado de coisas interessantes. Dessa palestra, por sinal, tiveram conhecimento os ouvintes da Globo.


Escola de Pharmacia e Odontologia de Ouro Fino

Estado de Minas Geraes

Diploma de Cirurgião - Dentista

Escola de Pharmacia e Odontologia de Ouro Fino

nascido no dia IV de Abril de 1922

o grao de CIRURGIÃO-DENTISTA

XXIV de Dezembro de 1944

Secretaria da Escola de Pharmacia e Odontologia de Ouro Fino, 26 de Dezembro de 44

O Director

O Diplomado

O Secretario

Inspector Federal

QUADRILHA FORMA DOUTORES

A recente denúncia do Sindicato e da Federação dos Odontologistas à Polícia contra uma articulada e milionária quadrilha de Falsificadores de Diplomas, parece que vai transformar-se num dos maiores escândalos dos últimos 20 anos.

Por êste fato a população vai saber que alguns criminosos formaram sòmente no ano passado 1.700 pessoas, à razão de 50 mil cruzeiros cada uma, recolhendo um lucro certo e tranqüilo de oitenta milhões de cruzeiros. Fazendo, dêsse modo, «Doutores» em número superior às Faculdades oficiais.

DIPLOMADO AOS 8 ANOS

Uma criança de 8 anos de idade, um japonês ainda no Oriente e um barbeiro, aqui ao lado, na localidade fluminense de Mesquita, foram diplomados pela quadrilha que se estende por todo o país, mantendo inclusive viajantes que oferecem o produto da chantagem e da vergonhosa indústria.

A circunstância apontada é uma triste conseqüência da fome do doutorado num país em que um diploma é a misteriosa gazua que abre quase tôdas as portas, onde a ostentação de um título é a vitória consagradora, e, a ambição, em natural consórcio com a vaidade, abate o escrúpulo e a dignidade, abrindo os cordões de uma bôlsa complacente e vasta.

ESTRANHA E ESCANDALOSO HISTÓRIA

Um canudo debaixo do braço, milhares de vaidosos, centenas de coniventes e dezenas de larápios são personagens da estranha e escandalosa história que vai contada adiante.

O presidente do Sindicato dos Odontologistas do Rio de Janeiro (João Pio dos Santos) e o presidente da Federação Nacional dos Odontologistas (Mário Barrozo Filho) há cêrca de 3 semanas levaram ao delegado Mário Lucena, da Delegacia de Defraudações, um memorial e documentos onde faziam prova da existência de uma quadrilha de falsificadores de diplomas, agindo no Distrito Federal e diversos Estados, e chefiada, sobretudo, por três conhecidos (e já processados) elementos: Pedro Olavo de Menezes, Rui Pinheiro e Júlio Barbosa.

Pedro Olavo, médico (autêntico) e chantagista (também) demitido a bem do serviço público no processo 78/525/944 arquivado no Ministério de Educação e proibido, pela portaria 98/50, de penetrar no referido Ministério, conforme ofício 1.430/50 do D.F.S.P. que acusa a seguinte reincidência: (a) 20/10/32 — 1ª Delegacia Auxiliar; b) 23/3/33 — 4ª Delega-

UMA ESCOLA SINGULAR

Exige 10 mil cruzeiros dos representantes e oferece salarios que variam de 3 mil a 50 mil cruzeiros

PORTARIA N.º 25, DE 15 DE ABRIL DE 1952

Impressionantes documentos da «gang» organizada: um diploma falsificado, uma notícia do jornal da época e a portaria publicada no «Diário Oficial». Tudo muito bem organizado...

Reportagem de PAULO ASSUNÇÃO

Uma verdadeira rêde por todo o Brasil — "Central" no Rio de Janeiro — Doutores em profusão — E tudo oficializado...

cia Auxiliar; (c) 17/10/47 — E vários outros fàcilmente verificáveis. — Pedro Olavo mantinha um escritório na rua Álvaro Alvim nº 21, 12º andar, salas 1207/8 com escritório e 1203 moc arquivo secreto, onde fêz centenas de doutores e enriqueceu com rapidez.

Rui Pinheiro, em seu consultório, à Travessa do Rosário nº 9, 1º andar, mantinha um escritório de falsificações, dispondo, na sala vizinha, de um verdadeiro arsenal para aonde conduzia inclusive livros e relatórios retirados dos Arquivos do Ministério de Educação.

E Júlio Barbosa (que se achava aliado à Lupércio Penteado) estabelecido no 18º andar do Edifício S. Borja, sala 1.802, além do mesmo ramo de negócio, aproveitando-se do último decreto sôbre a legalização da carteira de Contador, Guarda-livros e Economistas, organizou de parceria com Pedro Olavo, várias firmas fictícias, entrando de rijo no comércio.

PROCESSO

Pedro Olavo ou outro qualquer de seus companheiros de ofício anunciava num jornal desta capital e interior:

«REGISTROS DE DIPLOMAS — AVISOS — Diplomas Estaduais — Podem ser registrados com valor federal, independente de exames de validação Faculdade Livre de Ubá — Podem validar os seus diplomas, de acôrdo com o decreto-lei nº 7.718-1945, devendo os interessados procurarem êste escritório, com urgência; Junta Especial do Ensino Livre — Conseguimos despachos em 80 dias, mediante a propositura de ação judicial. Faculdade Livre de Medicina de Minas. Os interessados em validar seus diplomas queiram procurar êste escritório. Tratamos de Qualquer Assunto Referente Ao Ensino. BUREAU UNIVERSITÁRIO — Direção do dr. Pedro Olavo de Menezes.

Êste processo servia para atrair as pessoas diplomadas por Escolas Livres. Entretanto, Pedro Olavo lançava seus viajantes pelo interior em busca de práticos que funcionassem em municípios ou lugarejos. Práticos de dentista, e farmácia ou outra qualquer coisa. O viajante encarregava-se de convencer o prático da utilidade de conseguir um diploma que o situasse legalmente na profissão, uma vez que os longos anos no mister lhe haviam dado êsse merecimento.

Exibindo, então, credenciais de alto funcionário, o falsário viajante informava, diante da recusa inicial do prático, que o nome e a fama do mesmo já chegara ao Rio de Janeiro e que êle ali estava em nome do Ministério para oferecer-lhe uma chance, de acôrdo com «a sua competência e a sua posição de doutor». O agente local da cidade (Pedro Olavo e comparsas os possuem em todo o país) ou de localidade mais pró-



FLÔRES PARA PISTÓIA

● A Associação dos Ex-Combatentes inicia a campanha das flôres para Pistóia no Dia de Finados! Conta, como nos anos anteriores, com a contribuição de entidades escolares, recreativas, esportivas e associativas; com as autoridades; enfim, representantes de tôdas as classes.

Essa homenagem é um preito de gratidão àqueles que deram sua vida pela Pátria. À imprensa carioca, às estações de rádio, o apêlo da Associação dos Ex-Combatentes para sua magnífica colaboração nas solenidades que serão oportunamente divulgadas.

O povo do Brasil não esquece os seus bravos soldados que tombaram no campo da luta em defesa da Democracia. Suas sepulturas serão mais uma vez cobertas de flôres nascidas no Brasil, recebendo, assim, o respeito e a saudade do povo brasileiro. As contribuições podem ser remetidas à Associação dos Ex-Combatentes — Seção do Distrito Federal, à Av. Augusto Severo 4 — Lapa.



Quadrilha



Não há dúvida de que o Brasil vem se convertendo num país de escândalos. Na foto, Pedro Olavo Menezes.

xima exibia-lhe, então, o seu diploma registrado e a licença para clinicar.

O preço mínimo é de Cr$ ..... 30 mil e se o candidato o acha muito, o falsário responde que «o ministério está fazendo uma **caixinha** para as próximas eleições», sendo preciso que êle colabore em benefício comum e para a segurança do negócio. Se aceita imediatamente, são pagos 50% adiantados. Se recusa, é apontado à Saúde Pública Estadual (aos sócios da Quadrilha) que não lhe dá mais trégua, até que se diplome ou feche o estabelecimento.

OUTRA FONTE

Quando alguém vai à Junta Especial, informar-se sôbre o andamento dos papéis, pergunta na portaria do Ministério, onde a mesma funciona. O funcionário de nome Ademar Rabelo, que ali trabalha e outros funcionários que fazem ponto no cola, inclusive falsários e tratadores de papéis, perguntam qual o assunto. Informados do que deseja o visitante, Rabelo o convence de que não vale a pena subir, pois nada lhe informarão. Insinua-se mediante uma «comissão» a uma informação verdadeira, que êle mandará buscar. Tratando-se de um funcionário, inspira imediata confiança ao forasteiro e o negócio é aceito. Depois do pagamento, um dêles toma um dos elevadores e, depois de alguma demora num andar qualquer do prédio, volta dizendo que o processo fôra arquivado ou indeferido, por ser a Escola inidônea ou por estar o processo em situação irregular. (Estas irregularidades foram muitas vêzes feitas pela própria quadrilha criminosamente).

Ante o desapontamento do ex-aluno, que sabia ser seu processo normal, o funcionário o tranqüiliza, invectivando contra o Ministério, e Rabelo o encaminha, conforme a procedência, a determinado falsário, uma vez que os Estados, as regiões e os arquivos estão divididos, entre êles. de modo a evitar invasões de zonas de influência.

COMO E' FEITO O NEGÓCIO

O candidato apresenta-se com a senha, ou, se é avulso, exibe o anúncio. Combinado o preço, são exigidos 50% de praxe. Mas, se o pretendente estiver desprevenido poderá deixar, apenas, um sinal, sendo-lhe entregue um recibo devidamente assinado e selado, para maior segurança e legalidade do negócio. O candidato assina, então, uma procuração ao BUREAU UNIVERSITÁRIO e um requerimento ao Ministério da Educação. Êste requerimento nunca dá entrada no Ministério, ficando retido para sempre no arquivo particular do falsário para futuras chantagens. Os que vêm pelo anúncio deixam, além de outros, seus documentos de identidade. De posse dêstes, Pedro Olavo ou um de seus filhos, Eugênio ou Valdir, que já foi investigador da polícia carioca, comunica-se com um de seus agentes nas delegacias especializadas para saber se o interessado não será algum «secreta». Informados negativamente, começa, então, a diplomação, de que se falará a seguir.

CHANTAGEM COM REQUERIMENTOS E PROCURAÇÕES

Às vêzes, aparecem, atraídos por anúncios, indivíduos de boa fé e de projeção política local, que desejam, apenas, uma licença como farmacêutico ou dentista prático, ignorando que a Lei 1.314 eliminou, para sempre, essa possibilidade.

O falsário, entretanto, não recua, recebe dinheiro e documentos e marca a data da entrega do documento no Rio (nos casos comuns o diploma é levado em mãos do interessado). Com os guarda-costas em seus escritórios garantindo-lhes as chantagens e servindo para atacar a vítima, caso ela ameace escândalo, chegado o dia apresenta-se ao cidadão (desejoso de uma licença de prático) uma vida escolar e diploma.

Se êste recusa o negócio, por achar vergonhoso apresentar, numa ci-

dade onde todos conhecem sua vida, um súbito diploma, é ameaçado com os documentos que assinou de requerimento ao Ministério e uma procuração que o pobre homem sem saber passara ao falsário para tratar de um diploma. Vendo-se perdido, concorda com o negócio e, quando êste é feito pelas mãos de Pedro Olavo, geralmente recebe a seguinte explicação:

«Neste caso não há qualquer perigo. Além da Saúde Pública, como já expliquei (se é em Minas, por exemplo) há, para defender-nos, o nosso amigo, deputado Mário Assunção Palmério, que tem interêsse no negócio» e quebra qualquer galho que porventura surja. E, aqui no Rio, é o próprio Ministério que expede as certidões e desmente quando há denúncia».

Se o candidato conforma-se com as esplicações, volta com o diploma para o Estado e fica tudo em perfeito acôrdo. No caso de desejar destruir o documento, paga 20 mil cruzeiros e pode, então, queimá-lo.

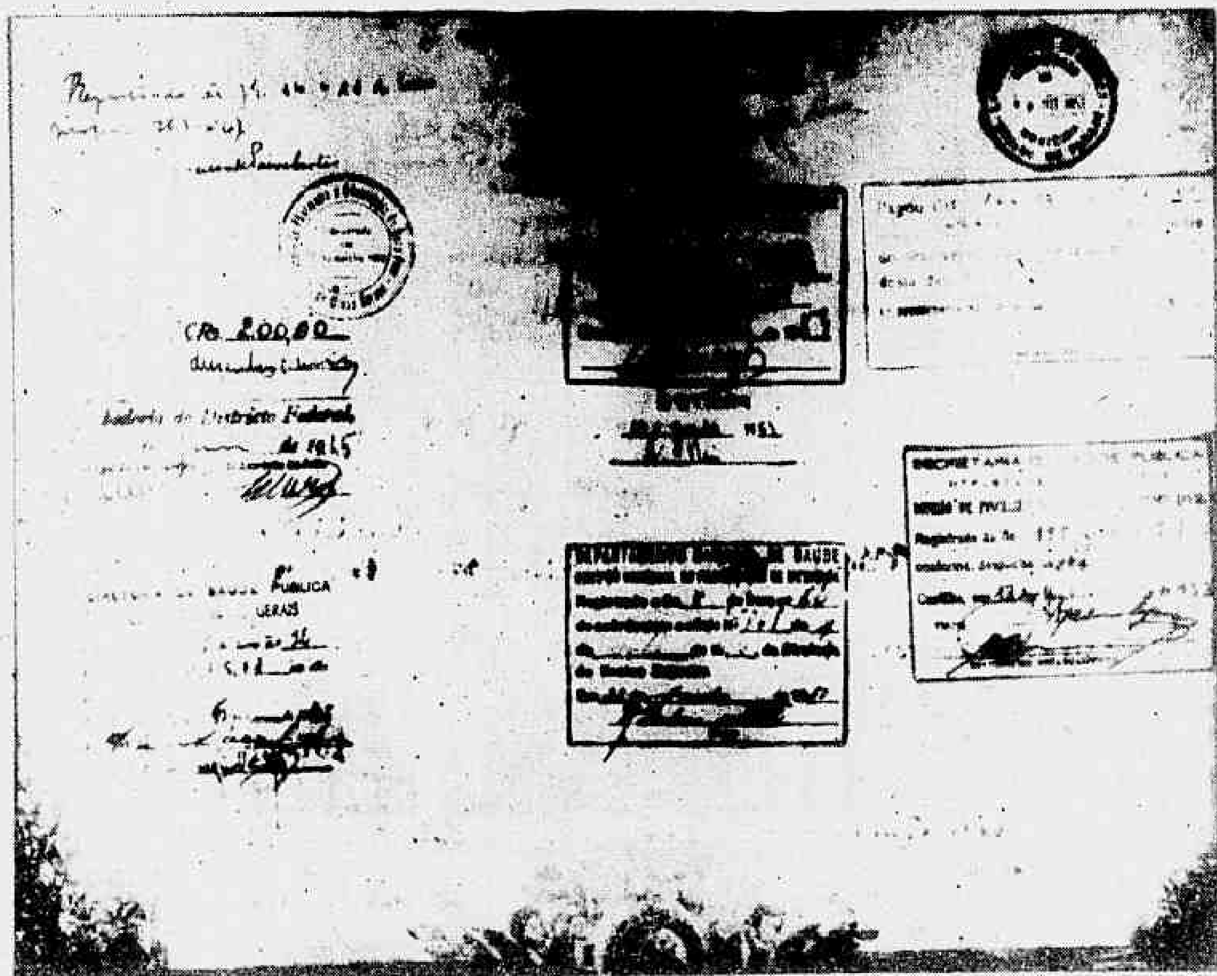
COMO SE FAZ A CERTIDÃO

Quando o protocolista do Ministério dá entrada num documento, carimba mecânicamente um cartão com o número correspondente ao que foi dado ao documento. A seguir, carimba outros cartões, sem documento. Êstes cartões são reservados para os falsários, e através dêstes números é que se expedem as certidões. Ficam êles, geralmente, em poder de Ademar Rabelo, na portaria do Ministério, notòriamente o distribuidor geral das várias quadrilhas. De posse do requerimento, o falsário telefona a Rabelo ou a um de seus agentes, para saber qual o número vago. E' então feita a certidão, no próprio escritório de Pedro Olavo, em resposta ao requerimento que devia ter recebido aquêle número no protocolo. O funcionário vem, então, à arapuca de Pedro Olavo, onde recebe sua comissão e assina, em nome da secção respectiva, em papel do Ministério, sendo as firmas reconhecidas no tabelião, quando êles não fazem êsse trabalho no próprio escritório, onde há estoque de papéis timbrados e cartões de protocolo numerados, que podem ter sido fornecidos pelo funcionário ligado a Pedro Olavo ou em seu escritório falsificado.

Depois a quadrilha articula-se para enxertar o nome do «cliente» nas listas do Ministério, baseia-se em leis (Lei 7.718 de 45, 1.919 de 53 e algumas outras) para enganar incautos e satisfazer a ambição de muitos.

O perigo desta quadrilha não reside ùnicamente na falsificação de documentos. Êles alastram sinistramente seus tentáculos; conseguem remover funcionários que lhes embargam os passos, provocam incêndios em arquivos, rasgam livros de registros, eliminam provas, ameaçam.

Sua rêde de representantes no país, suas outras manobras, seus outros comparsas, apontaremos em segunda reportagem, nesta revista, na próxima semana.



Com o carimbo oficial do Ministério de Educação e Saúde, pode-se comprovar bem como era perfeita a trama...

Flash carioca

PAULO DE ANDRADE



Gilberto Marinho



Paulo Roberto



Ferreira de Melo

- I.A.P.C.

Convidado pelo Ministro Alencastro Guimarães, tomou posse no cargo de delegado do IAPC, no Distrito Federal, o sr. Ferreira de Melo. Trata-se de um antigo servidor do Instituto, com larga experiência administrativa e possuidor de conhecimentos especiais.

A tendência da administração é preencher os cargos de chefia com servidores experimentados. Útil e justa política, portanto.

- ADMINISTRAÇÃO

Em boa hora o Presidente da República manteve na direção da Central do Brasil, o engenheiro Jair Rêgo de Oliveira, que é considerado pela maioria dos seus subordinados como o trabalhador número um da Estrada.

- VAGA

Pretende o Instituto do Açúcar e do Álcool o deputado Aldo Sampaio antigo presidente da U.D.N. de Pernambuco que resolveu trocar o seu mandato pelo órgão supremo que regula a economia canavieira.

- CALOTE

A Companhia Docas de Santos foi atuada pela Fiscalização do Ministério do Trabalho, por ter deixado de recolher aos cofres do Instituto dos Marítimos o prêmio de seguro calculado, aproximadamente em onze milhões de cruzeiros.

- APOIO

Dentre os muitos apoios que o coronel Gilberto Marinho tem recebido para sua campanha política, destaca-se o da maçonaria. Isto, no princípio do século, poderia assegurar o triunfo do popular e simpático candidato do P.S.D.

- VENDA

Marcial Duas Pequeno, atual superintendente das Emprêsas Incorporadas à União, pretende vender tôdas as companhias, fazendas, fábricas, frigoríficos que compõem o acêrvo da Emprêsa. Todavia, a Rádio Nacional, «A Noite», «Noite Ilustrada» e «Carioca» não serão vendidas. Marcial pretende equipá-las de modo a transformá-la em grandes publicações jornalísticas. Permanecerá o Estado-editor. Nada de novo, afinal. Mais dinheiro.

- RETIROU

A Standard retirou de Paulo Roberto todos os programas por ela patrocinados. Motivo: P. R. é candidato a deputado pelo P.S.B.

- PRIVILÉGIOS

Costa Moreira, diretor do Serviço Médico da Polícia, protestou contra a permanência do jornalista Roberto Costa nas dependências da enfermaria da Polícia. Costa Moreira não admite que jornalistas detidos tenham a enfermaria como local de prisão. No entanto patrocinou e permitiu que Arlindo Pimenta, conhecido contraventor, cumprisse dois anos de sua condenação na referida enfermaria. Explica-se: Arlindo Pimenta foi operado de apêndice pelo Costa Moreira. Custo da operação: duzentos mil cruzeiros.

Um filme põe a nu o «gangsterismo» nova-iorquino



Eis o verdadeiro Anthony Anastasia, quando testemunhava no Senado Americano, perante a Comissão de Investigação do Crime. Todo o país foi abalado com êste escândalo...

MARLON BRANDO CONTRA OS IRMÃOS ANASTASIA

A REPUGNANTE E BRUTAL HISTÓRIA DA «I. L. A.», O GRUPO DE PISTOLEIROS QUE DOMINAVA AS DOCAS DE NEW YORK, RETRATADA CRUELMENTE NUM FILME QUE ESTÁ EMOCIONANDO OS ESTADOS UNIDOS.

A greve durava já há vinte dias, sem que os homens soubessem porque. O descontentamento aumentava, mas ninguém ousava protestar porque a ordem vinha do ILA (International Longshoremen Association), o sindicato que reinava sôbre 30.000 assalariados.

Apesar dos piquetes de greve, uma centena de «dockers» se aprestavam para retomar o trabalho. Um carro elegante, do mais longínquo dos entrepostos, dirigiu-se sôbre os voluntários e parou a um metro da primeira fila «Toug Tony», um homem de quarenta e sete anos, de talhe pequeno, côr morena, cabelos grisalhos, desceu, rodeado por dois colossos. Tony Anastasia, um dos famosos irmãos Anastasoia que dirigem o Sindicato, olhou longamente o grupo silencioso e lançou com ar zombeteiro: «Parece que há alguém que quer retomar o trabalho?» Silêncio de morte, ninguém ousava responder. Depois de um minuto, um dos líderes descontentes disse: «Escuta, Tony, não é justo...» Antes que êle tivesse terminado, Tough Tony fêz um sinal: um dos colossos avançou e esbofeteou o «docker» em plena face. O homem caiu por terra. Um outro guarda do corpo deu-lhe ponta-pés no rosto. Ninguém se mexeu para defendê-lo. Uma patrulha de policiais chegou e reconheceu imediatamente seu velho conhecido, Anastasia. «Você ainda, Tony?» O «docker» ensangüentado jazia no chão. «Estava passando por aqui» disse Tony cinicamente. «Quem o espancou?» — perguntou o policial. Ninguém respondeu e os homens foram-se lentamente.

Os «dockers» sabiam que aquêles que ouzassem testemunhar à comissão chamada Waterfront, organizada especialmente para combater o gangsterismo dos cais de Nova York, depressa teriam sua conta regulamentada.

Os irmãos Anastasia são os chefes do Sindicato ILA. O mais velho, Albert Anastasia deixou a Itália depois de uma acusação de assassinato. Chegou aos Estados Unidos clandestinamente, em 1921. Depois desta data, acumula crimes sôbre crimes. E os alibis também. Atualmente habita uma esplêndida casa em New Jersey, com sua mulher e seus filhos. Seus irmãos emigrados, Anthony, chamado Tony Tough, chefe do sindicato dos «dockers», Joseph e Jerardo, são todos militantes sindicalistas. Um quinto irmão é um padre obscuro nalgum lugar da América.

Um pequeno homem bigodudo jurou arrebentar êste sindicato criminoso: Thomas Dewey, governador de New York. Pode-se ter confiança nêle, pois foi êle quem levou até o fim a luta sem tréguas contra Al Capone e seus sequazes, enviando-os à prisão. Hollywood, como se podia esperar, apoderou-se do rumor dêsse grande espetáculo de «dockers» revoltados contra os patrões revoltantes. Foi Elia Kazan, o diretor de «Uma rua chamada pecado», que se encarregou de realizar o filme «On the Waterfront».

«On the Waterfront» denuncia os escândalos dos sindicatos corruptores e corrompidos, bem como o regime de terror e de intimidação ao qual estão submetidos os «dockers». O papel principal foi interpretado por Marlon Brando, o bruto da «Rua Chamada Desejo», e que se diz êstes últimos meses submetido aos psiquiatras e que zomba valentemente das convenções sociais.

Mas já o público norte-americano transforma a projeção do filme em demonstrações sentimentais: aplaude quando o «docker» que incarna Brando se revolta contra o gangsterismo, arriscando a vida — e assovia quando o chefe sindicalista aparece na tela.

Os privilégios e a semi-indulgência do qual beneficiam ainda os irmãos Anastasia em tôda a extensão das docas do Hudson, estão em transe de fazer empalidecer os êmulos de Al Capone.



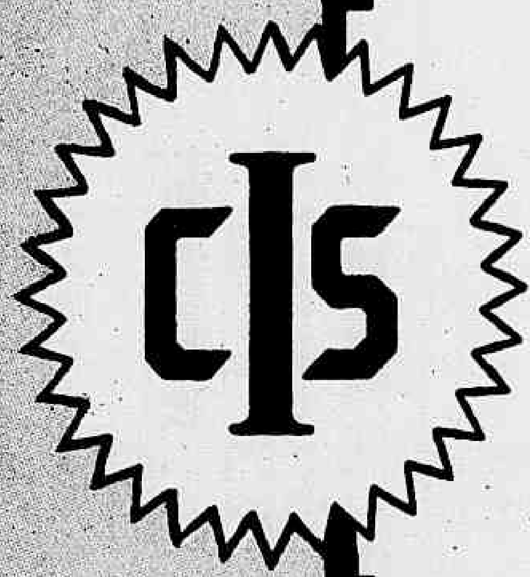
Marlon Brando, que passa por ser um dos artistas mais temperamentais dos Estados Unidos, vive o papel principal do filme «Viva Zapata».



Num dos seus papéis que o sagrou grande ator: o «Júlio César», de Shakespeare. Neste celulóide Marlon superou o próprio Gielgud.

Marlon Brando, quando fêz «Uma rua chamada desejo» do mesmo Elia Kazan que agora dirige «On the Waterfront». Kazan especializou-se em filmes de grande violência e é um dos renovadores do cinema americano, segundo a crítica.

Competência
Idoneidade
Segurança



35 anos de profícua existência, 230 milhões de cruzeiros em Sinistros pagos, mais de 115 milhões de cruzeiros em capital e reservas, são o acêrvo moral e material que justificam o lema de trabalho da COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS oferecendo amplas garantias nos ramos de:

LUCROS CESSANTES — SEGUROS DE VIDA — INCÊNDIO — TRANSPORTES
ACIDENTES PESSOAIS — AUTOMÓVEIS — RESPONSABILIDADE CIVIL
ROUBO — VIDROS — ACIDENTES DO TRABALHO

DIRETORES: CELSO DA ROCHA MIRANDA — JORGE EDUARDO GUINLE
ANGELO MARIO CERNE — KARL BLINDHUBER

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS
SEDE: RIO DE JANEIRO • RUA 7 DE SETEMBRO, 94 • TEL: 32-4270
SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 18 E 24 DE SETEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Sua posição será muito frágil em negócios. Haverá hesitações, incompreensões, timidez e falta de confiança. O melhor, em tal situação, é a recusa pronta, formal, às propostas que, em tal setor, lhe forem feitas. Não traia o subconsciente.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — A paz doméstica será perturbada, havendo, entre outras coisas, cenas de ciúme. O belo sexo o atrairá irresistìvelmente e nisto estará a causa dos desentendimentos conjugais. Quanto aos negócios e às iniciativas, a situação será muito favorável.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Seus negócios não terão o desenvolvimento desejado, no curso da semana em pauta. Os astros não lhe ajudarão os empreendimentos e até dificultarão as iniciativas a que se aventurar.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Não faça viagem na vigência da semana de 2 a 8 do corrente. Há perigo de acidente e de prejuízos materiais. Do mesmo modo, não mude de residência nem de orientação, não tome iniciativas de vulto nem empreenda algo de novo.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Sua vida sentimental passará por uma fase muito favorável. Os entendimentos entre o leitor e o sexo oposto serão constantes, afetuosos e respeitosos. Não haverá clima para um desvio pouco recomendável, neste particular.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A semana propiciará consideràvelmente os seus negócios, principalmente as operações de vulto. Não tenha receio de qualquer insucesso. As favorabilidades serão as melhores possíveis, notadamente nos dias 5 e 7.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — As relações do leitor com os parentes, irmãos, consangüíneos e cssemelhados passará uma fase crucial, no curso da semana em pauta. Evite maiores contatos com os mesmos. Os negócios serão desenvolvidos satisfatòriamente.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — O leitor estará apto a receber favores e a ver atendidas as solicitações que fizer, principalmente no campo oficial ou governamental. Os seus empreendimentos, do mesmo modo, estarão muito favorecidos.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Conte até dez antes de resolver, em definitivo, qualquer assunto. O leitor está sujeito a enganos prejudiciais e a traições perigosas. Seu crédito, igualmente, corre perigo. Não dê nem solicite crédito, durante a semana.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Sua posição, durante a semana, só lhe possibilitará realizações de pequeno porte, negócios medíocres. Contente-se, porém, com o que alcançar, pois não será possível algo de importância ou de valia apreciável, nos próximos sete dias.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — Ótimas e oportunas propostas lhe serão feitas, no curso da semana. Não as atenda em grosso. Reflita, pense bem e resolva com segurança. Há perigo de engano, de uma apreciação incompleta. Seu raciocínio não está em boa forma.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não faça visitas nos dias 2, 6 e 8. O ambiente astral será o mais desfavorável possível, para tais coisas e no seu caso. Entregue-se às atividades habituais e não saia do ordinário para evitar prejuízos e desilusões.

OS NOMES DA SEMANA

Outubro,	2	—	Ambrósio	—	Jurema
"	3	—	Eidônio	—	Amélia
"	4	—	Elpídio	—	Vitória
"	5	—	Eufrásio	—	Amália
"	6	—	Saturno	—	Urçula
"	7	—	Dagoberto	—	Neusa
"	8	—	Tancredo	—	Marina

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Outubro,	2	—	8º - 45' - 28"	(Signo da Libra)
"	3	—	9º - 44' - 33"	(" " ")
"	4	—	10º - 43' - 39"	(" " ")
"	5	—	11º - 42' - 46"	(" " ")
"	6	—	12º - 41' - 56"	(" " ")
"	7	—	13º - 41' - 7"	(" " ")
"	8	—	14º - 40' - 20"	(" " ")

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº......
NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

CABELOS BRANCOS... Envelhecem
JUVENTUDE ALEXANDRE
Faz desaparecer e EVITA-OS SEM TINGIR

Cabêlo branco?
Orf-Léne
TINGE MELHOR E NÃO MANCHA

ÓLEO DE VIOLÊTAS
POR SI SÓ!!
Limpa, amacia e renova a cútis
Marca registrada. A venda nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

O Largo do Boticário abriu suas portas
Daniel Tolipan será vereador?

PETER

● Ùltimamente, as noites do Rio têm sido povoadas de acontecimentos elegantes. Um dêsses foi a homenagem feita a essa figura da cidade, a êsse profissional de imprensa e homem do mundo que se chama Manuel (Maneco) Bernardez Muller, ou mais conhecido, Jacinto de Thormes.

Jacinto chegara de uma viagem de quase três meses pela Europa e Oriente Médio e um grupo de amigos resolveu que aquela era a boa hora para homenageá-lo. Tudo teve lugar na casa do sr. e sra. Bob Winans, num clima de grande alegria, gente moça, jardins iluminados, salões em grande gala, «black-tie» e vestidos de baile. Os amigos do colunista que estiveram presente nessa noite, além dos donos da casa, foram o sr. e a sra. Wlademir Salem, sr. e sra. Vicente Galliez, sr. e sra. Vitor Lage, sr. e sra. Herculano Tomaz Lopes, sr. e sra. Robert Singery, sr. e sra. Carlos Eduardo Sousa Campos, sr. e sra. Álvaro Catão, sr. e sra. Carlos Guinle Filho, sra. Maria Luiza Mello, sr. Ângelo Sertório, sra. Luciano Crespi, a colunista americana, Bety Beally, a sra. Francisco Souza Dantas (S. Paulo), os srs. Luiz Bastian Pinto, Walther Quadros e o grande fotógrafo da revista «Life», sr. Leonard Macombe.

Houve discursos. Discursos bem humorados, engraçados e tôdas as senhoras presentes beijaram o colunista social na face. Diz êle que isso foi melhor que qualquer festa de aniversário e que, se fôr sempre assim, vai comprar bilhete de volta.

Jantar admirável com caviar e muito «champagne». Uma festa elegante.

● **DANIEL, VEREADOR**

Os amigos do sr. Daniel Tolipan quiseram lançar sua candidatura à vereança pelo Distrito Federal. O sr. Tolipan declarou, na ocasião, que aceitará a indicação de seu nome, mas só para o pleito de 1958. Pretende o futuro legislador fazer um curso de oratória e estudar detidamente os problemas da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Previdente, o sr. Tolipan já convidou para dirigir seu escritório eleitoral o sr. Leopoldo Bitencourt e dêle farão parte os srs. Waldemar Schiller, Murilo Gondim, Manuel Muller, srta. Sônia Gonçalves (enfeitando e trabalhando) e êste colunista.

● **CONTO DA VOVÓ**

Eu ia contar para vocês o conto que passaram no sr. Murilo Gondim, usando o meu nome. Deixo de fazê-lo, uma vez que já foi publicado. Aproveito, no entanto, a oportunidade para declarar que ninguém tem procuração minha para receber qualquer quantia, seja de quem fôr.

● **«COCK-TAIL»**

No bar (nova fase) do hotel Plaza, o sr. e sra. José Augusto ofereceram um «cock-tail», tendo comparecido as srtas. Sônia Moura, Beatriz Gallembeque, Teresinha Simões Soares, Lúcia Cortez, Glória Nader, e os srs. Waldemar Schiller, Daniel Tolipan, Cesário de Melo Franco e muitas outras pessoas que o casal reuniu.

● **ANIVERSARIOU**

A simpática Teresinha Simões Soares comemorou há dias a passagem de seu aniversário. Na véspera, aniversariara, com telegrama de Teresinha, a srta. Gegê Romaneli, que se encontra na Espanha. O natalício de Teresinha foi comemorado em casa do sr. Daniel Sabatini, secretário da Embaixada da Argentina, que lhe ofereceu um jantar.

● **DAS DUAS, A TERCEIRA**

Não sei se o fato já foi escrito, mas de tão engraçado, correrei o risco de repeti-lo. Os srs. Ibrahim Sued, Jacinto de Thormes, Rubem Braga e eu estávamos jantando no «Vogue», quando apareceu um rapaz já meio de pileque que, depois dos cumprimentos, declarou: «Jacinto, eu leio você. Ibrahim, sou seu leitor diário. Rubem Braga, meu velho, compro o jornal, diàriamente, para ler o que você escreve». Parou de falar, pensou, pensou, tornou gigantesca a pausa, e concluiu: «E quem escreve bem mesmo é o Antônio Maria». Foi uma risada geral.

● **TALENTO E CAÇADORES**

O único dia que eu fico em casa, logo após o jantar, é às segundas-feiras. Ouço, então, o mais inteligente e divertido programa do rádio brasileiro. Trata-se do «Vai da valsa», de Haroldo Barbosa, produtor de excepcional talento e pescador que dá saúde aos robalos. Seu último programa, focalizando a classe numerosa que é a dos caçadores, foi mais uma prova do talento dêste simpático e civilizado homem do rádio.

● **A NOVA EMBAIXADA**

Agora, a antiga e acolhedora casa dos Proença, onde eu fui tantas vêzes, de manhã, à tarde e à noite, transformou-se na Embaixada de Portugal, orientada pelo sr. e sra. Antônio de Faria. E abriu as portas para receber o sr. Café Filho, no momento em que se encontrava em nosso país o Ministro do Exterior e sra. Paulo Cunha. Foi um belo acontecimento, no ambiente muitas vêzes civilizado pela presença dos Proença de Faria.

● **AINDA QUE TARDE**

Escrevo esta coluna, na véspera da mais uma vez anunciada inauguração do «show» do sr. Caribé da Rocha, no Copa. Parece que desta vez será mesmo, pois as moças acabaram de ganhar a questão no tribunal, defendendo o direito de dançar. Se acontecer, da próxima vez, contarei com detalhes a acolhida que teve o novo espetáculo da tradicional casa de Copacabana.

● **SUCESSO NO «VOGUE»**

Está agradando plenamente aos freqüentadores da casa do sr. Barão Stuckart a nova cantora. Carmen Déa possui uma voz agradável e boa maneira de cantar. Todos ficam alegres e o Barão também.



A sra. Robert Singery e a colunista Bety Beally conversam após o jantar oferecido a Jacinto de Thormes.

HISTÓRIA E "DEPOIMENTOS"

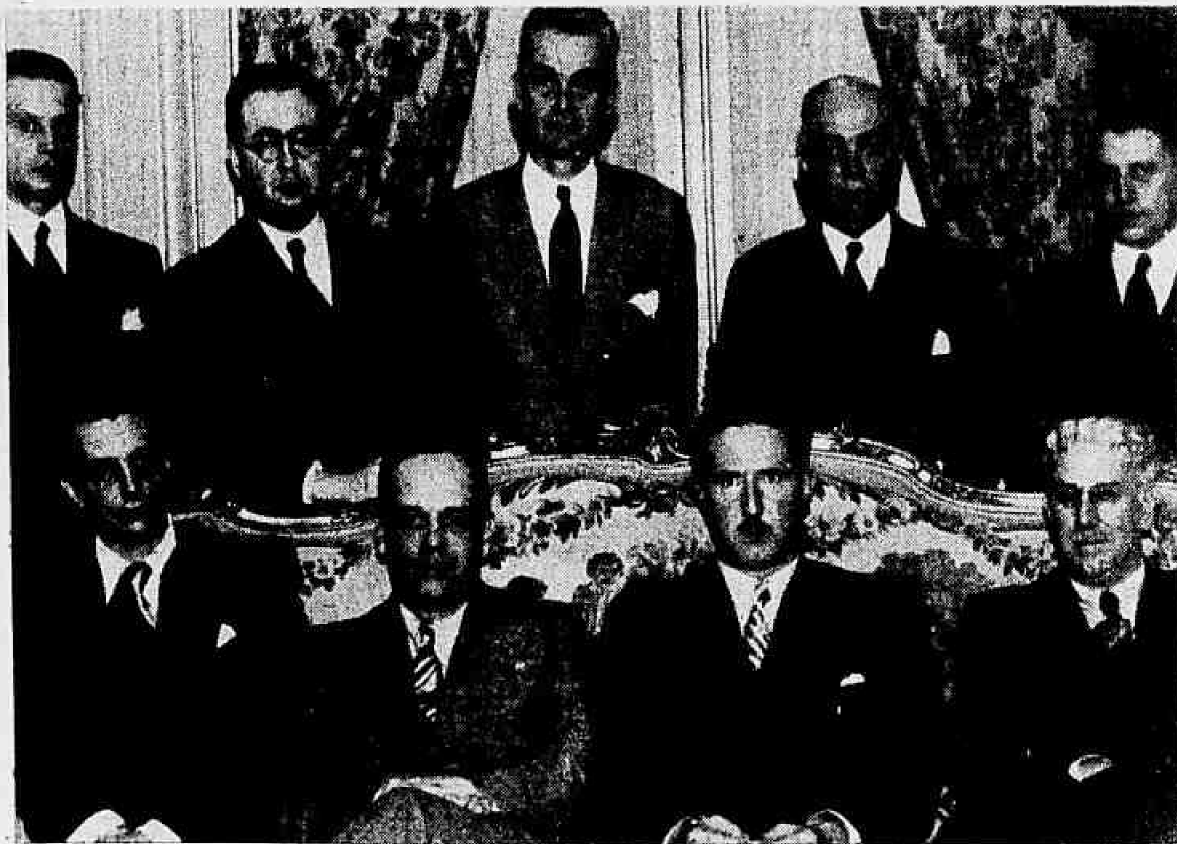


● À proporção que se aproxima o dia das eleições, multiplicam-se os «depoimentos para a História» daqueles que agora procuram se apresentar como os verdadeiros depositários dos últimos desejos do falecido sr. Getúlio Vargas. Quase todos êles, quando, através do rádio, da imprensa ou nos comícios eleitorais, comparecem perante o público, fazem-no com o ar compungido de quem perdeu um parente próximo — pai, mãe, filho ou espôsa. E cada qual dá a entender, nas suas declarações, que a êle, sòmente a êle, é que Vargas confiou suas últimas vontades, seus planos para o futuro e a sua derradeira mensagem política. O fenômeno não é novo. Marco Antônio, estendendo diante da massa romana a túnica ensanguentada de César, foi apenas o precursor daquelas carpideiras; e antes e depois de Marco Antônio, outras falsas viúvas choraram aos pés do povo, de quem pretendiam arrancar favores e preferências, lágrimas de falso sentimento e falsa unção.

É evidente, porém, que a História não se alimenta de tais arroubos circunstanciais, tecidos e compostos ao calor das improvisações capciosas. Todos êsses «depoimentos» que agora desfilam diante dos leitores dos jornais, dos ouvintes dos rádios e do auditório dos comícios têm um valor bastante precário — porque, improvisados ao sabor das paixões, não podem ser aceitos como os subsídios imparciais de que se servirão os pósteros para o levantamento da crônica real e autêntica dos últimos acontecimentos que sacudiram o país.

Mas a verdade é que nenhum dos que agora se apresentam como herdeiros de Getúlio Vargas, oferecendo ao país as mais variadas e desconcertantes versões do seu suicídio, objetava, com isso, fazer História ou reconstituir a verdade. O fito é outro — o fito são as urnas. É a batalha eleitoral que a maioria dêles pretende ganhar — e ganhar num espaço de tempo que, não sendo tão curto, terá de ser mantido sob uma crescente exacerbação, para que os espíritos, voltando ao equilíbrio anterior, não façam do ato de votar uma manifestação serena, justa e sensata. Para que isto não aconteça, os «herdeiros» de Vargas falam, choram e se lastimam, cada qual procurando transformar em votos seus gritos e lágrimas de autênticas carpideiras.

ADEMAR E OS SECRETÁRIOS



● Em agôsto de 1942, o interventor Ademar de Barros, de São Paulo, reunia o seu secretariado no palácio dos Campos Elísios para acertar os planos de uma «ampla ofensiva administrativa», conforme veio noticiado nos jornais. A foto foi tirada naquela ocasião, e entre os secretários presentes a ela se achavam o da Segurança, sr. Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, da Justiça, sr. Vergueiro César e da Viação e Obras Públicas, sr. Prestes Maia. Os três são fàcilmente identificáveis no flagrante, mas para facilitar a tarefa do leitor mau fisionomista informamos que Dulcídio é o que está à direita de Ademar; Vergueiro o que está à sua esquerda, e Prestes Maia é o de óculos na fila de trás.

Não censurado

1 Os longos (e muitas vêzes rebuscados) editoriais que «O Globo» vem publicando ùltimamente são de autoria dos senhores João Neves da Foutoura e San Thiago Dantas.

2 O sr. José Américo, na semana seguinte à morte de Vargas, foi procurado por próceres do PTB que lhe pediram não deixar o Rio nos próximos meses. Tudo leva a crer que o ex-ministro da Viação terá um papel preponderante na reestruturação do Partido Trabalhista, planejada para logo após as eleições de 3 de outubro.

3 Ainda José Américo. A amigos que o visitavam, no seu apartamento no Edifício Menescal, êle declarou: «A crise que culminou com o suicídio de Getúlio começou há oito meses atrás. É uma história que ainda terá de ser contada».

4 O presidente Café Filho foi, em 1950, colaborador assíduo do semanário «Panflêto», que então circulava sob a direção dêste colunista e de Lourival Coutinho. Café, Rafael Correia de Oliveira e Gondim da Fonseca recebiam cem cruzeiros por artigo. Os demais colaboradores recebiam cinqüenta.

5 O ministro Costa Pôrto (da Agricultura) voltará às atividades jornalísticas, como colaborador esporádico de um importante matutino («Diário de Notícias»?) desta capital.

6 Esquisito: Barreto Pinto trata a viúva Martinelli de «senhora» e «madame». Por outro lado, a viúva trata o deputado de «doutor» e «senhor». Donde se conclui que a intimidade entre ambos não é tanta quanto parece.

7 Desabafo de Getúlio quando soube que Benjamim Vargas estava envolvido no atentado da rua Toneleros: «É a segunda vez que o Beijo me tira do govêrno».

8 Benjamim Vargas (no «Vogue») a um amigo, na véspera do referido atentado: «O Lacerda qualquer dia dêstes é capaz de levar um tiro».

9 Parece definitivamente desfeito o noivado da sra. Ester de Abriu com o ex-prefeito Dulcídio Cardoso.

10 Quando faleceu (1950) a primeira espôsa do general Lott, funcionários do seu gabinete, na 2ª Região Militar (S. Paulo), chegaram tarde, no dia seguinte, ao quartel, imaginando que o general lá não compareceria. O general, no entanto, chegara ao seu gabinete às sete da manhã, como fazia diàriamente. Apenas estava mais sisudo e mais calado.

11 Vários oficiais superiores do Exército e da Aeronáutica tentaram (inùtilmente) dissuadir o brigadeiro Epaminondas de publicar o seu inflamado depoimento. Não conseguiram inteiramente o seu intento, mas forçaram o brigadeiro Epaminondas dos Santos a suprimir um capítulo inteiro da referida entrevista. Essa parte subtraída, no entanto, está sendo distribuída fartamente em todo o país, em fôlhas mimeografadas.

BENJAMIM VARGAS



Depois de Getúlio, «Beijo» foi sempre o membro da família Vargas mais constantemente atingido por Lacerda. O seu crime maior, em relação ao atentado da rua Toneleros, reside no fato, agora sabido, de não ter denunciado Gregório como o seu mandante, embora tivesse ouvido, logo no dia seguinte, a confissão do «tenente».

EUVALDO LÓDI



A luta contra o SESI é a luta contra Lódi. Durante anos seguidos, Lacerda vasculhou os negócios do SESI e denunciou mais de um caso de malbaratamento dos dinheiros da entidade a favor da política pessoal do seu presidente. Lódi jurou vingar-se.

DANTON COELHO



Danton e Lacerda já foram amigos, e foi por interferência do ex-ministro do Trabalho que o diretor de «Tribuna da Imprensa» conseguiu um empréstimo (de 2 milhões de cruzeiros) no Banco do Brasil. Mas a ida de Danton para a direção do «Última Hora», no instante em que a guerra de Lacerda contra Wainer atingia o «climax», abriu um abismo entre os dois.

MENDES DE MORAIS

Lacerda ataca-o há vários anos, desde que o general chegou à Prefeitura. Na «batalha das favelas», a animosidade entre os dois chegou ao auge. Afirma-se que foi por pressão de Mendes de Morais que Lacerda teve de deixar a sua coluna no «Correio da Manhã».

O GALEÃO ACUSA:

"FORAM ÊSTES QUATRO!"

Mendes de Morais, Lódi, Danton e «Beijo» mataram o major Vaz, levaram Vargas ao Suicídio e puseram Café Filho no Catete.



TRÊS NOITES UM POUCO FLUMINENSES

● *O coronel Feio durante a inauguração de uma obra de engenharia, em Vassouras, fêz confidências, dentro de um automóvel, mas não tão cautelosamente quanto pensou: "O Carlos Lacerda não pode mais viver. Não garanto que êle saia vivo do primeiro comício que venha a fazer aqui no Estado do Rio".*

● *Carlos Lacerda parece que resolveu responder a uma frase do deputado Tenório Cavalcânti, pronunciada há dias na Câmara: — "Ainda não morri porque sou ágil. Não sou major Vaz nem Carlos Lacerda". Perguntado por que não saía à rua, Lacerda respondeu numa estação de rádio: "Ando pelas ruas mas não estou preocupado em tirar carta de valente. Tenho mais em que me ocupar. Não sou Tenório..."*

● *O advogado Romeiro Neto não quis candidatar-se diretamente para as eleições de 3 de outubro. Organizou prudentemente um plano eleitoral: suplente de senador do sr. Tarciso de Miranda um cidadão septuagenário e rico. Consta que Romeiro Neto espera passar da suplência ao pôsto definitivamente aí pelo meio da legislatura.*

JOEL SILVEIRA



O Presidente Café Filho não esconde seu entusiasmo diante do imponente espetáculo da Parada da Juventude.

VI Jogos da Primavera

BELEZA E JUVENTUDE

Uma demonstração do que será o Brasil de amanhã — Força e pujança no desfile das escolas — Os vencedores — Imponência do desfile — O novo Presidente aplaude...

Fotos de ÂNGELO GOMES



DESFILAM NO ESTÁDIO DO VASCO

COM inexcedível brilho, realizaram-se os VI Jogos da Primavera. A cerimônia teve lugar no Estádio do Vasco, que se mostrava completamente lotado. Foi a primeira vez, também, que o presidente Café Filho compareceu a uma cerimônia dessas. Assistiu êle a todos os desfiles, só se retirando quando do último toque de clarim, o que evidencia sobejamente seu interêsse e seu entusiasmo pela realização juvenil. Não regateou aplausos a todos os contingentes, manifestando-se com particular agrado sôbre a demonstração de certos colégios.

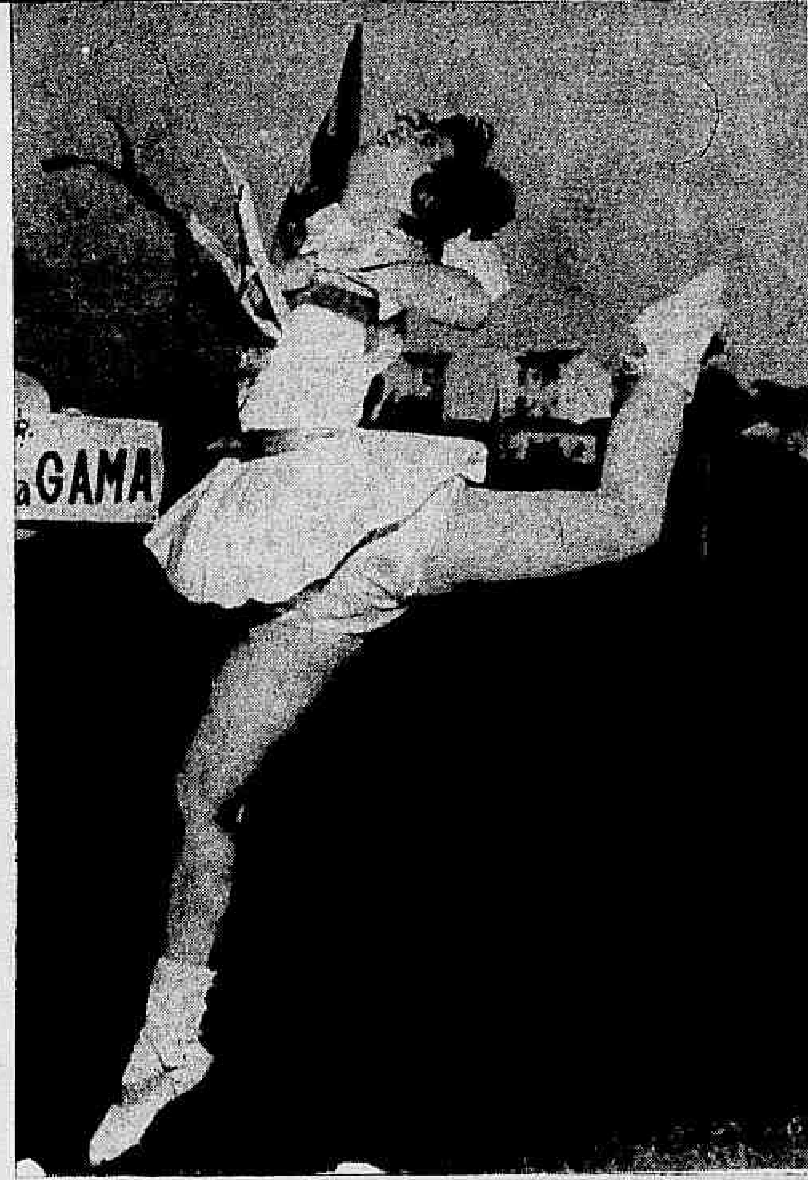
O número de atletas que desfilou elevou-se a doze mil, representando vários colégios e corporações do Brasil. Três bandas militares estiveram presentes à magnífica festa: Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais, Banda da Cidade e Banda da Polícia Militar. Esta última, antes da parada, executou o Hino Nacional, frente à tribuna onde se achava o presidente Café Filho. Dando abertura à grande parada, desfilou então a Banda da Polícia Militar, seguida da Honoleore Falbuck do Colégio Anglo-Americano, que ladeado por uma guarda de esgrimistas, conduzia a Bandeira Nacional.

A primeira representação a desfilar foi a do Colégio Brasileiro de São Cristóvão, que apresentou contingente de bicicletas e de bandeiras. Depois, veio o Pedro I, numa expressiva alegoria relativa ao Imperador Pedro I. Logo após o Colégio Arte e Instrução, seguido pela Escola Técnica de Comércio de Santa Cruz, que apresentou contingente de bicicletas ladeadas por duas belas arqueiras, e que finalizou com um grupo maciço.

A DANÇA, COMO SEMPRE, TEVE SEU LUGAR DE DESTAQUE, COM INTÉRPRETES VARIADAS







FLAMENGO E SÃO CRISTÓVÃO MISTURARAM-SE ÀS REPRESENTANTES DO NORTE DO PAÍS









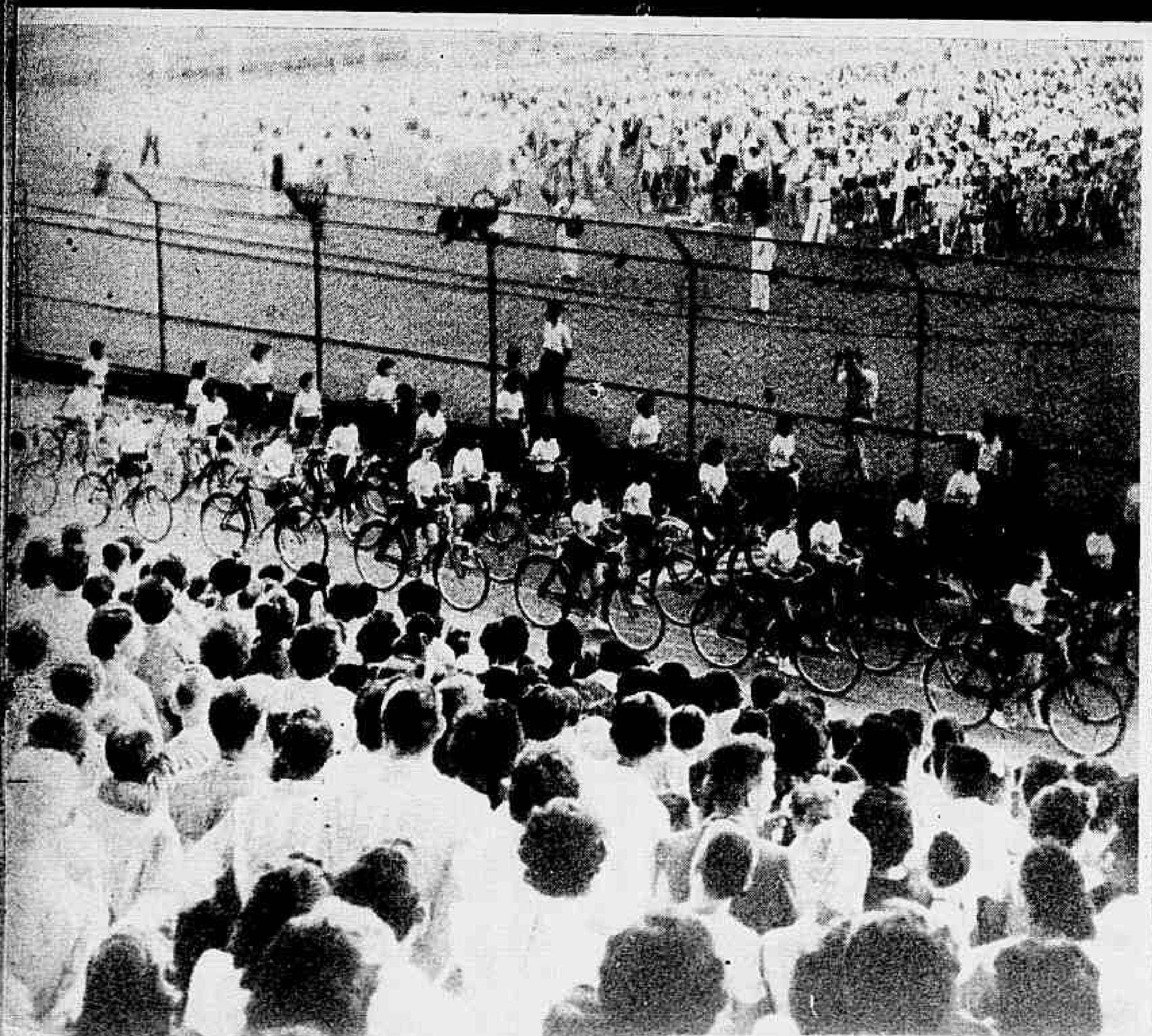


Desde o esporte até a figuração dramática num torneio maravilhoso





A mocidade do Brasil apresentou-se disciplinada numa







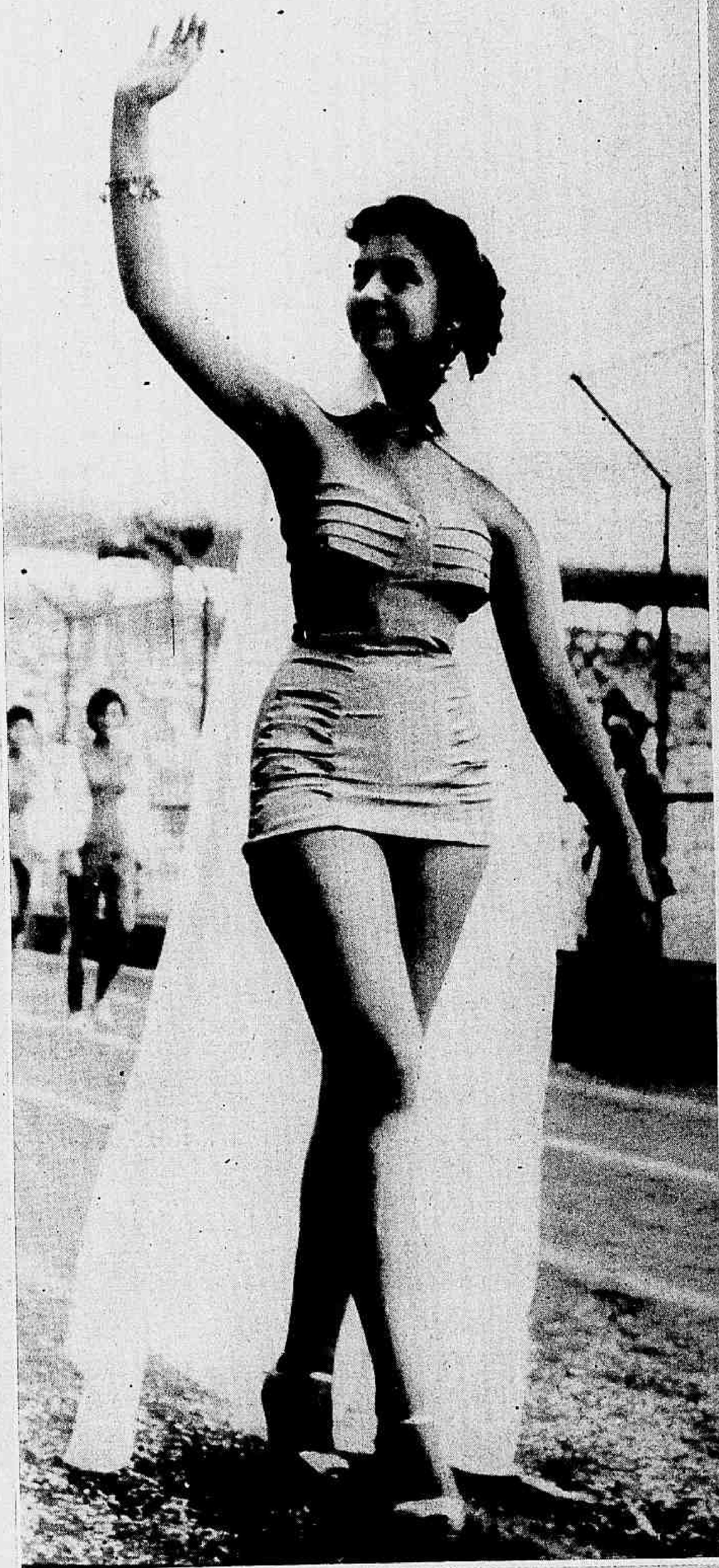
de juventude e de beleza



pujante demonstração de vida



VI Jogos da Primavera



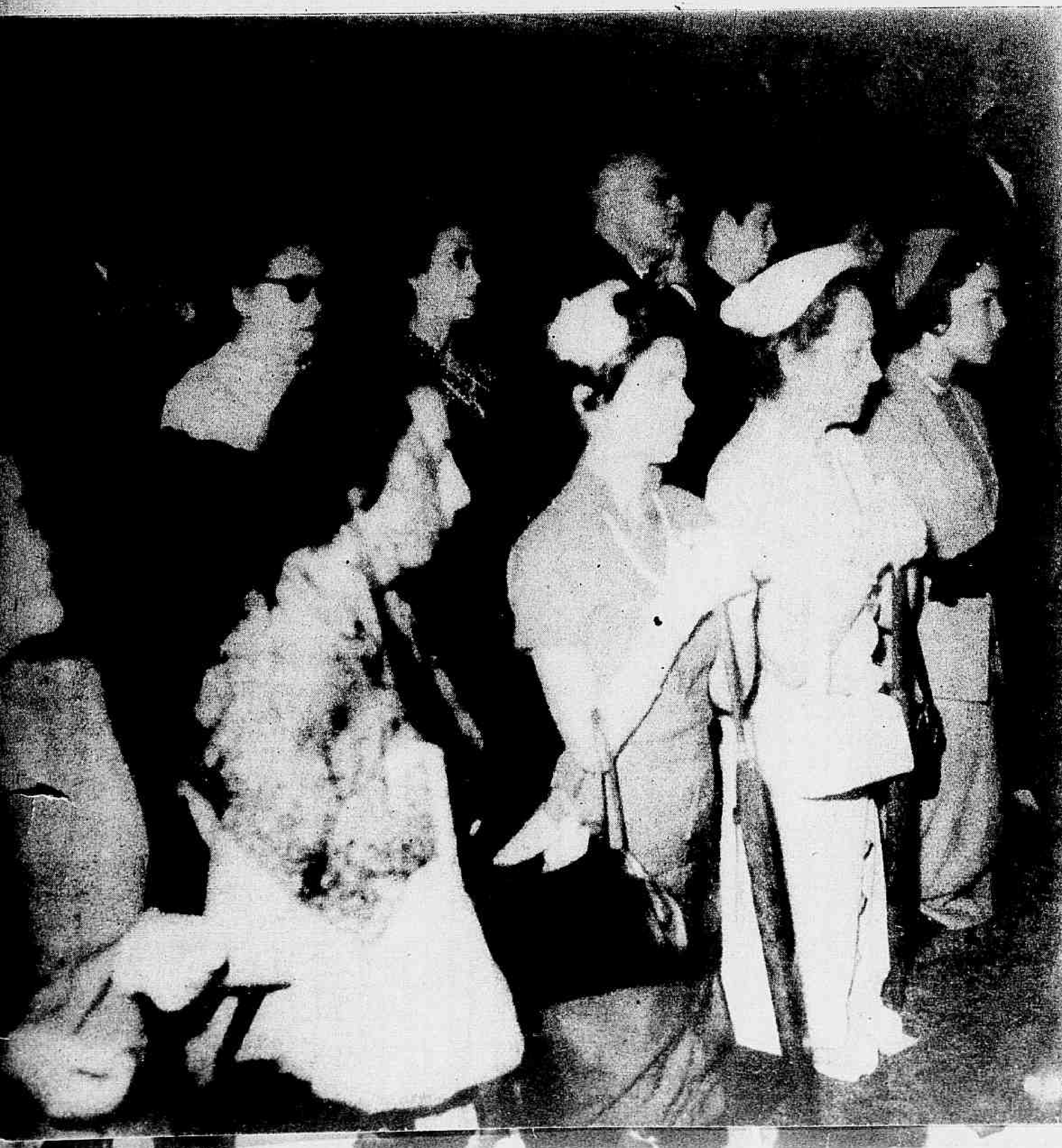
Enorme contingente apresentou também o Colégio Pedro I. Foi êle constituído de uma graciosa baliza, uma garbosa porta-bandeira, um contingente de bicicletas, um de bandeiras.

A êsse colégio seguiram-se o Dois de Dezembro, o Ginásio Cruzeiro do Sul, o Instituto Filgueiras, o Instituto Roscio, o Ginásio Haddock Lôbo, o Colégio Lutécia, o Barcelos Costa, Santa Cecília, Instituto Nacional de Surdos-Mudos, Colégio Anglo-Americano, Faculdade de Ciências e Letras, Faculdade Nacional de Filosofia, Escola de Enfermagem Ana Neri, Faculdade Nacional de Arquitetura, Escola de Educação Física de São Paulo, E. N. de Educação Física e Desportos, bem como várias sociedades esportivas.

O encerramento do desfile coube ao C. R. Flamengo, que antecedeu uma lindíssima alegoria à Primavera, erguida sôbre um carro de grandes proporções e de magnífico efeito.

Foi dêste modo que se encerrou a primeira parte dos VI Jogos da Primavera, seguindo-se então o Cerimonial pròpriamente dito. A juventude brasileira, porém, já havia dado sua maior demonstração. Retirando-se, o presidente Café Filho não deixou de expressar seu entusiasmo aos organizadores do magnífico certame.





O BRIGADEIRO FOGE À HOMENAGEM

● O brigadeiro Eduardo Gomes não foi à missa de Ação de Graças que lhe ofereceram amigos, políticos e parentes, por ocasião de seu aniversário no dia 20 de setembro. Parece que esta atitude já se tornou um hábito impôsto pela modéstia do atual ministro da Aeronáutica. Embora êste ano a acorrência à Candelária tenha sido superior a que se tem registrado em aniversários anteriores, o número de pessoas que à missa compareceram foi inferior ao que se esperava. Poucos militares, menos políticos e alguns amigos. O general Juarez Távora e o brigadeiro Eduardo Duncan foram as personalidades militares de maior projeção à missa. Dentre os próceres políticos e parlamentares foram Odilon Braga e Heitor Beltrão. Dois motivos apresentaram-se para a abstenção surpreendente. A primeira seria o antecipado conhecimento de numerosas pessoas de que seria certa a ausência do brigadeiro à missa da Candelária. A segunda, o horário ou a pouca publicidade que se fêz em tôrno do fato. Havia, no máximo, 200 pessoas dentro da Candelária.

CASAMENTO NO PRESÍDIO



Êle — Mas, seu padre, eu saio 5 anos antes.

NÃO COMPREENDO...

...porque tudo que a gente quer comprar subiu de preço, e tudo que a gente quer vender baixou.

CUCO

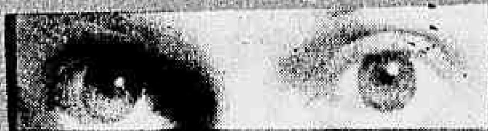
Uma seção meio pancada

leon eliachartreuse

Assinatura do autor, tomando licor.

Ilustrado por PIQUI

PONTOS DE VISTA



CARIMBO é a preguiça espremida entre a tinta e borracha.

●

CONQUISTA é um sim depois de vários não.

●

AÇOUGUEIRO é êsse indivíduo que mais sente a atração da carne nas horas de serviço.

Mandei fazer uma limpeza na minha máquina. Resultado: trocaram o O pela A.

Prezoda senharo:

Hó muita tempa que estau poro lhe decloror umo caiso muita impartonte. Eu lhe oma! Ofinol de cantos, jomois pude esquecer oqueles bans tempas. Lembro-se? Nás dais posseóvomas pelo próio de Iponemo e Capocobono, tadas as dios de torde, tamóvomas bonhas de mor, mergulhóvomas na óguo gelodo, lembro-se? Estau cam muitos soudodes suos, tó?

Um gronde obroça da seu gronde omar.

Tchóu!

Lean Eliocher



O INSTITUTO GALUP AFIRMA QUE A TELEVISÃO PRENDE A FAMÍLIA EM CASA; O IBOPE DEVIA AFIRMAR QUE FAZ SAIR.



TIC-TAC

(Piadas à [illegible])

- Que bela trinca fazia aquêle casal. Ela sempre levava a [illegible]zinha.
- Assim êle se declarou: "Eu e você fazemos um nós ideal".
- Talvez por ser surdo é que se usava gravatas gritantes.

MÉDICOS

Indivíduo estranho: era pianista de ouvido, acordeonista de ouvido, saxofonista de ouvido e médico de nariz.

●

Vivia se gabando que era o maior cirurgião do mundo, mas não passava de um médico de garganta.



— E neste momento os Comandos Radiofônicos voltam à sua sêde!

ANUNCIE no matutino de maior penetração em tôdas as camadas sociais do Distrito Federal

Diario de Noticias

APRESENTA

ULTIMOS ACON... esportes... MUNDO

...reportagens diversas

...e ampla secção de propaganda comercial

Diario de Noticias
RUA DA CONSTITUIÇÃO, 11 — TEL.: 42-2910

O MATUTINO DE MAIOR TIRAGEM DO DISTRITO FEDERAL